

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
Esmeraldo Victor Cavalcante Guimarães**

**Entre Janelas e Camarotes: O Sagrado e o Profano na Festa do Bom Jesus  
dos Navegantes de Penedo/AL**

**São Cristóvão/SE  
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
Esmeraldo Victor Cavalcante Guimarães**

**Entre Janelas e Camarotes: O Sagrado e o Profano na Festa do Bom Jesus  
dos Navegantes de Penedo/AL**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Geografia; tendo como Orientadora a Professora Doutora. Maria Augusta Mundim Vargas.**

**São Cristóvão/SE  
2014**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE PRÓ-  
REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
FOLHA DE APROVAÇÃO**

**Entre Janelas e Camarotes: O Sagrado e o Profano na Festa do Bom Jesus  
dos Navegantes de Penedo/AL**

**Esmeraldo Victor Cavalcante Guimarães.  
Orientador: Dra. Maria Augusta Mundim Vargas.**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe – UFS, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Dissertação Defendida e Aprovada em 14 de Julho de 2014, pela Comissão Julgadora.**

**Examinada por:**

---

**Presidente, Profa. Doutora Maria Augusta Mundim Vargas – UFS**

---

**Prof. Doutor Antônio Alfredo Teles de Carvalho – UFAL**

---

**Profa. Doutora Rosana Oliveira S. Batista – UFS**

---

**Profa. Doutora Sônia de Souza Mendonça Menezes – UFS**

**Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos; São Cristóvão – SE.**

**Julho de 2014**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Guimarães, Esmeraldo Victor Cavalcante  
G963e      Entre janelas e camarotes : o sagrado e o profano na  
             festa do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL /  
             Esmeraldo Victor Cavalcante Guimarães ; orientadora Maria  
             Augusta Mudim Vargas. – São Cristóvão, 2014.  
             101 f. : il.

Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade  
Federal de Sergipe, 2014.

1. Geografia humana. 2. Territorialidade humana. 3.  
Identidade. 4. Navegantes, Bom Jesus dos, Festa de –  
Penedo (AL). I. Vargas, Maria Augusta Mudim, orient. II.  
Título.

CDU 911.375:2-565(813.5)

*Dedico este trabalho a minha MÃE!*

## **Agradecimentos**

Mais um ciclo termina. Embora não seja linha de chegada; é hora de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que esse sonho virasse realidade. É momento de sentir presente junto a esta conquista cada incentivo, cada encorajamento que me conduziu neste processo de amadurecimento pessoal e intelectual.

A minha primeira professora de Geografia, ainda na quinta série do Colégio Imaculada Conceição, a professora Maria José, que em meio as minhas inúmeras perguntas disse: “Continue assim, você vai longe. Sempre tire todas as suas dúvidas e se certifique de tudo”. Essa frase faz sentido para mim até hoje. Aos meus professores da UNEAL – Universidade Estadual de Alagoas; especialmente ao Professor Antônio Alfredo pelos primeiros estímulos a pesquisa. Suas palavras fazem sentido até hoje. Muito Obrigado.

Agradeço com o coração a todos que me receberam na UFS. A professora Cristiane; a Professora Alexandrina e em especial a Professora Maria Augusta. Aos colegas que me ensinaram muito: Ronilze, Daniela, Rosana, Luiz Carlos, Kátia, Paulo e Vanessa Dias. Inclusive ressaltando o orgulho de ser avaliado por uma ex-colega de sala, a agora professora Rosana. Obrigado a todos vocês que me acrescentaram.

Aos amigos da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, com quem passo a maior parte do tempo nos últimos anos, minha eterna gratidão. A Luiz Carlos Bastos da Rocha e Roberto Cardozo Mota que, de suas posições gerenciais e estratégicas, tiveram a humanidade de enxergar a minha necessidade e a mim permitiram conceber o sonho mesmo vinculado a empresa. Ao histórico Sergio Belo, com quem aprendi os primeiros passos e de quem escutei as primeiras broncas na empresa. A Edvo Acioli que enquanto meu gerente me possibilitou, incentivou e apoiou para que eu pudesse participar das primeiras seleções. A Antônio Richarles, Nancy Aparecida, Leandro Dias e Marcus Mascarenhas; a este grande time de profissionais, que sempre acreditaram que eu chegaria lá, que o mestrado seria possível e deram uma força enorme para que eu chegasse até aqui. Não tenho palavras para agradecê-los. Aos fieis escudeiros do CDD Arapiraca Ademir Daniel e Márcio Fagner que seguraram e asseguraram o funcionamento da unidade mesmo em meio as suas inseguranças e a minhas lacunas. A Adriano Vagner, Aurinez Cunha e José Jorge, o time que é o coração da unidade e meu braço direito, obrigado! A Francisco Júnior que no seu pragmatismo gentil apontou

caminhos e possibilidades. Aos carteiros da família CDD Arapiraca, que transmitiam com seus olhares a força para que eu continuasse a estar com eles e buscar meus sonhos.

A todos os Ecetistas minha imensa gratidão. Obrigado Correios!

Aos meus grandes amigos que operacionalizaram a pesquisa junto comigo. Que dispuseram tempo de suas vidas para construir e sonhar um sonho meu. Ao meu amigo Marcelo Luz Lobo, pela conversa, pela orientação e por me abrir os olhos para a graduação. A minha Amiga e eterna orientadora Ângela Leite que com sua simpatia e sorriso constante me ensinou os primeiros passos acadêmicos. Aos que cresceram comigo, Jorge Luiz Pereira Júnior e Fábio Luiz Pereira que, cada um a seu modo e há seu tempo, dispuseram de um grande espaço de suas vidas para reafirmar os laços de fraternidade construídos ao longo do tempo. Sei bem que o uísque doze anos nunca foi o motivo pelo qual vocês iam me ajudar. (risos) Ao extremo operacionalista Filipe Medeiros que, por diversas vezes, esteve inserido na condução do projeto, tanto no levantamento das informações como no tratamento dos dados. Quantas discussões em Filipe?! E você sempre dizendo: Ah; mas a pesquisa é sua né?! (risos) A você um agradecimento especial, pois embora entrando no caminho há pouco tempo, mostrou que o que importa é intensidade da doação. Aos amigos Moraes Júnior e Jorge Seixas pela solicitude e presteza rotineiras. Ao meu compadre “Dedezinho”, Luciandre Fernandes, que não mais ficava chateado com o não aceite dos convites para tomar uma. A Francisco Junior que sempre dizia: Tá errado! E escutava como resposta que a pesquisa era de um pesquisador e não do fiel católico. Ao meu vizinho Peterson Almeida que me acompanhou quando tentei a seleção de Mestrado em Pernambuco, e que no dia dez de outubro de dois mil e onze, por volta das dezesseis horas da tarde, me disse a seguinte frase: “Tente, não perderá nada tentando”. E resolvi proceder a inscrição. Muito obrigado. A minha mãe e a minha noiva Mércia pela paciência. Pela compreensão das ausências. Por tudo. A todos vocês meu muito obrigado. **Essa é uma vitória nossa!**

*“:...Assim como a natureza acha o seu caminho para o centro da minha vida pessoal e torna-se inexplicavelmente ligada a ela, também os padrões de comportamento instalam-se, nos da natureza, sendo despontados na forma de um mundo cultural. Não tenho apenas um mundo físico, não vivo apenas no meio da terra, ar e água, tenho em torno de mim, estradas, plantações, cidades, ruas, igrejas, implementos, um sino, uma colher, um cachimbo (...). Algumas maneiras de existência ou de vida podem achar seu lugar (...) na paisagem através do qual eu vagueio. O mundo cultural é ambíguo, mas está presente.(MERLEAU-PONTY, 1962, p147, apud Relph, 1979, p.6)*



## **Resumo**

A pesquisa traz reflexões sobre a Festa de Bom Jesus dos Navegantes que ocorre há 130 anos na cidade alagoana de Penedo com a realização de uma das mais significativas procissões fluviais do rio São Francisco. O objetivo geral buscou analisar a relação do sagrado e do profano e compreender os processos de produção do arranjo festivo que, ao mesmo tempo em que esvaziam o real sentido da festa, o enche de pessoas, do lugar e de fora dele, nos momentos de comemoração. A análise pautada na abordagem qualitativa privilegiou fontes documentais, entrevistas e observações sobre a história e o chão da festa com trabalho empírico nos festejos dos anos de 2013 e 2014. A memória dos entrevistados – fiéis, festeiros e organizadores - foi útil para a apreciação das mudanças ocorridas na Festa do Bom Jesus dos Navegantes. Identificamos nesses 130 anos de festejos dois arranjos que se distinguem pela inserção de atividades e pela duração da festa, quais sejam o arrano sagrado e o arranjo profano. Constatou-se que a festa, historicamente, funciona como entidade sociocultural complexa, produtora e portadora de uma identidade que lhe vai sendo atribuída pelas intenções e costumes daqueles que a organizam. Evidencia-se que aqueles que tecem a construção da festa, ano a ano, a promovem sempre de uma forma singular. O povo penedense ao longo dos 130 anos da festa tem se revezado na tarefa de construir as festas e manter a tradição. Cada festa traz consigo a marca do tempo e da técnica que está à disposição da sociedade em cada tempo.

**Palavras – Chave: Lugar; Espaço Sagrado; Espaço Profano; Festa.**

## **Abstract**

The research reflects on the Feast of Bom Jesus dos Navegantes there is 130 years in the city of Alagoas Penedo with the realization of one of the most significant fluvial processions of the São Francisco River. The overall objective was to examine the relationship of the sacred and the profane and understand the festive arrangement production processes, while emptying the real meaning of the feast, fills people, the place and outside it, in moments of celebration. Analysis guided the qualitative approach favored source documents, interviews and observations about the history and the party floor with empirical work in the festivities of the years 2013 and 2014. The memory of respondents - loyal, party-goers and organizers - was useful for the assessment of changes in the Feast of the Bom Jesus dos Navegantes. We identified these 130 years of festivities two arrangements that are distinguished by the insertion of activities and the duration of the party, namely the sacred and the profane Arrano arrangement. It was found that the party historically functions as complex socio-cultural entity, producer and bearer of an identity that you will be given the intentions and practices of those who organize it. It is evident that those who weave the party building, year by year, always promote a singular form. The Penedense people over the 130 years the party has taken turns in the task of building the parties and keep the tradition. Each party bears the mark of time and technique that is available to society at every time.

**Keywords: Place; Sacred Space; Profane Space; Party.**

## SUMÁRIO

Introdução .....	13
1 – PENEDO: PALCO DA FESTA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES .....	18
1.1 - A formação do núcleo urbano. ....	18
1.2 - Os primórdios da Festa de Bom Jesus dos Navegantes.....	21
1.3 – A Operacionalização da Pesquisa .....	25
2 – A FESTA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES .....	27
2.1 - O Lugar.....	27
2.2 Os Lugares Sagrados.....	35
2.3 Entre o Sagrado e o Profano .....	43
3 – OS TEMPOS E ESPAÇOS DA FESTA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES DE PENEDO/AL .....	50
3.1 – O Arranjo Sagrado .....	50
3.2 – O Arranjo Profano.....	59
3.3 As Memórias e as Mudanças .....	67
3. 4 – Espacialidade da Festa. ....	75
3.5 – A festa no contexto virtual: #bomjé.....	80
4 – ENTRE JANELAS E CAMAROTES: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	89
APÊNDICES .....	92

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> - Alagoas – Situação do Município de Penedo/Al .....	18
<b>Figura 02</b> - Vista do Enorme Rochedo que dar Nome a Cidade De Penedo.....	19
<b>Figura 03</b> – Convento Nossa Senhora dos Anjos – Festa de Bom Jesus dos Navegantes ...	41
<b>Figura 04</b> – Procissão Terrestre – 1964.....	53
<b>Figura 05</b> – Procissão Fluvial – 1964.....	54
<b>Figura 06</b> - Palco Sagrado .....	56
<b>Figura 07</b> – Vista da Festa – Palco Sagrado .....	56
<b>Figura 08</b> – Arranjo Sagrado da Festa de Bom Jesus dos Navegantes – Penedo/AL .....	59
<b>Figura 09</b> – Arranjo Profano da Festa de Bom Jesus dos Navegantes – Penedo/AL.....	61
<b>Figura 10 ; 11 e 12</b> - Devoção dos Fiéis Durante a Procissão do Bom Jesus .....	65
<b>Figura 13</b> – Festa do Bom Jesus – 1985 – Trio Valneijós e Cortejo Profano .....	73
<b>Figura 14</b> – Espacialidade da Festa de Bom Jesus dos Navegantes – Penedo/AL.....	77
<b>Figura 15</b> – Ambulantes .....	79
<b>Figura 16</b> – Entre Janelas e Camarotes: O Bom Jesus .....	83

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> - Programação Artística – Profana da Festa de Bom Jesus dos Navegantes 2014.....	63
<b>Quadro 02</b> - Alterações na Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo – AL.....	66

## **Introdução**

A Geografia cultural e mais especificamente a Geografia da religião apresenta como uma de suas características compreender como as formas simbólicas produzidas pelos fenômenos religiosos se organizam no espaço. Assim, o interesse pelo simbolismo religioso pode ser expresso no estudo dos lugares que possuem símbolos especiais. Com os estudos e pesquisas no campo da religião, a dimensão espacial do sagrado tem chamado a atenção dos geógrafos preocupados em discutir a sua importância na produção de novas espacialidades representadas pela organização de paisagens, de territorialidades bem como com a compreensão dos arranjos e singularidades associadas aos lugares sagrados.

Entender a religião enquanto fenômeno que sugere uma espacialidade e também como um sistema complexo de elementos que produzem e reorganizam territórios e lugares sagrados, é enveredar por um amplo debate teórico que traz a tona e amplia a perspectiva geográfica de analisar o sagrado. A construção de uma Geografia da religião sedimentada na compreensão do sagrado torna clara as representações espaciais que se articulam com várias proposições teórico-metodológicas entre as quais conhecer o lugar sagrado e suas particularidades, vezes explicando; vezes justificando ou mesmo questionando sua relação dialógica com o profano.

Muitas são as dimensões de análise oferecidas por este campo da Geografia, fato que fornece uma ampla gama de interesses aos geógrafos, entre os quais podemos citar a compreensão dos lugares sagrados e as diversas territorialidades manifestadas na relação sagrado X profano.

Nessa perspectiva de análise, observamos também que o simbólico presente nesses lugares é direcionado para uma forte imbricação existente entre os elementos, a saber: território, lugar, festa, cultura e religião, o que nos garante uma sustentação teórica para que possamos entender as interações entre religião – espaço - geografia. Esta relação do homem com os lugares sagrados se revela, portanto, numa importância pela qual o homem religioso se liga ao espaço mítico, ao seu espaço cosmológico e, numa perspectiva simbólica, irá conviver em um “mundo” impregnado de significados que embora multifocais, tendem para uma polaridade baseada em normatizações e contextos espaciais que delimitam ações e comportamentos e constroem diversos arranjos espaciais.

A Geografia cultural que compreende como subcampo a Geografia da religião possui um conjunto de abordagens teóricas que tem como centro as dimensões simbólicas, pelas quais os espaços sagrados sugerem múltiplas interpretações (LEVINE, 1986). Assim, os estudos de religião em Geografia assume uma importante tarefa cujo direcionamento teórico-metodológico tem sua relevância na percepção do fenômeno religioso frente a determinados lugares sagrados e conforme Sopher (1967, p. 24) “uma das preocupações da Geografia da religião é entender como a paisagem se associa a um conjunto de sistemas religiosos e modelos de religiosidade que estão condicionados a comportamentos”. Esses lugares sagrados irão construir determinadas singularidades, cabendo ao geógrafo estudioso da religião, percebê-los, abstraindo-se do seu sentido original e introduzindo uma nova ordem e percepção que reproduz o mundo em uma nova forma expressiva.

Sabe-se que o Brasil é historicamente marcado por diversas realizações festivas que vão desde celebrações religiosas até aquelas que representam fundamentos ideológicos de diferentes grupos sociais e em diferentes áreas do território brasileiro. Por ser a festa um importante construtor da identidade brasileira, é que examinamos o entendimento da expressão “festa”, a partir do trabalho de alguns estudiosos do tema, o que nos norteou acerca de qual conceituação usar como embasamento para falar de uma festividade em especial, a Festa do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL.

A Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo /AL faz parte da minha história pessoal. Nascido e criado em Penedo, desde muito jovem participo das festividades do Bom Jesus e, como geógrafo, me preocupou e instigou as mudanças vividas/percebidas na festa. A festa a cada ano passa a ser um espetáculo. Antes percebida das janelas das casas, hoje é vista do alto dos camarotes. Por isso, daqui, do meu lugar, parti para a grande tarefa de tentar entender a Festa do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, visto que não há nenhum estudo geográfico feito acerca deste grande acontecimento. A centenária festa movimenta toda a região; muda a dinâmica da cidade e gera dividendos econômicos para o município.

Este trabalho direcionou e teve como objetivo principal analisar a relação do sagrado e do profano na Festa do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, ou seja, compreender os impasses da midiaticização e dos processos de produção do arranjo festivo que, ao mesmo tempo em que esvaziam o real sentido da festa, o enche de pessoas, do lugar e de fora dele, nos momentos de comemorações.

Os objetivos específicos, delineadores dos limites de nossa pesquisa foram:

- Analisar como a Festa de Bom Jesus dos Navegantes se consolida como manifestação do povo ribeirinho penedense há mais de cem anos;
- Entender a relação de poder que se estabelece na organização do festejo e suas implicações na manutenção do festar de Bom Jesus dos Navegantes;
- Verificar quais lembranças estão presentes na memória daqueles que ainda hoje festejam e quais se perpetuam como atividades e/ou ritos da festa ao longo dos cento e trinta anos;
- Verificar a formação e transformação dos espaços públicos em lugares seja eles profanos ou sagrados;

A operacionalização desta pesquisa nos orientou a uma leitura acerca das relações de poder que se projetam no espaço da festa, as quais foram verificadas/vivenciadas, ora trilhando o material bibliográfico pertinente a festa, ora durante a pesquisa de campo, criando dessa forma um processo dialético de construção/desconstrução de uma trama que, convergiria para uma lógica mais ampla a qual não estava limitada apenas aos elementos óbvios que saltavam a nossa primeira observação. A discussão feita sobre lugar nos permitiu realizar uma prospecção conceitual objetivando também uma discussão sobre lugar sagrado. Cabe pontuar que a noção de lugar se apresentou de forma significativa para as questões centrais do trabalho, sendo recorrente na medida em que buscávamos respostas para a compreensão de temas envolvendo as contextualizações específicas de cada uma das variantes que compõem o arranjo da festa e que revelaram a nossos olhos as diversas territorialidades nela presentes.

A pesquisa qualitativa nos levou a uma enorme investigação de fontes documentais; verificamos arquivos da cidade de Penedo, documentos da Igreja Católica que estão de posse da Diocese de Penedo; o livro do Tombo da Ordem Terceira Francisca em Penedo; bem como livros, periódicos e publicações pertinentes ao tema. Procuramos nortear o empírico através da construção das representações sociais em Penedo/AL, no espaço da festa do Bom

Jesus dos Navegantes, envolvendo os principais personagens de nossa pesquisa: vendedores ambulantes, devotos, fiéis e romeiros, organizadores e festeiros. Nesse propósito, buscamos mesclar diferentes aspectos do real que convergem e revelam múltiplas narrativas relacionadas com o sagrado. Enfatizamos, portanto, o uso das narrativas como instrumento para identificar as representações sociais, compreendendo serem aquelas expressões coerentes e adequadas para se obter informações acerca das práticas e saberes relacionados com a festa em tela.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. No primeiro apresentamos Penedo como palco da Festa de Bom Jesus dos Navegantes; um pouco de sua história e da história da festa. Em seguida é apresentado o desenrolar da pesquisa e seu escopo e os instrumentais utilizados nos levantamentos e análises.

No segundo capítulo apresentamos uma discussão teórica sobre a festa e lugar na tentativa de canalizar para o entendimento do nosso empírico. Procuramos assim, uma subjetividade e visibilidade, uma vez que, sendo o lugar considerado um conceito que oferece concretude ao espaço, a festa como um lugar sagrados aqui investigado, expressa não apenas os aspectos visíveis, mas também elementos simbólicos e neste sentido podem ser definidos de diversas maneiras, dentre elas *ser um objeto estável* que prende a nossa atenção (TUAN, 1983, 53).

Assim quando fazemos reflexões sobre a Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL na dimensão do sagrado, torna-se relevante considerá-la através da perspectiva do simbólico. Ao optarmos por este caminho, percebemos a realidade sócio espacial como *locus* para a observação dos fenômenos pertinentes as temáticas abrangentes como: o lugar na perspectiva da Geografia, as diversas territorialidades presentes na festa e a relação entre o sagrado e o profano. A observação desses temas constituiu uma base importante para a construção do trabalho, pois, ao considerarmos os lugares sagrados como produto das práticas espaciais e simbólicas, podemos deduzir que estas práticas são estabelecidas mediante uso, apropriação e percepção daqueles que participam dos mesmos e que irão enunciar as suas representações.

O terceiro capítulo está referenciado nas proposições metodológicas pertinentes ao trabalho. Adotando os parâmetros da metodologia qualitativa para investigar o sagrado e o profano na Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, seguimos o pressuposto pelo



qual nossa análise deveria estar centrada na esfera do lugar enquanto microestrutura do espaço. Neste capítulo em particular nos apoiamos nas considerações propostas por Amaral (1998, p.30) “a festa como elemento de mediação cultural; elemento turístico; elemento econômico e a organização política local e o uso da festa”. Diante desse pressuposto, sedimentamos nossa investigação interpretando o lugar, através de informações consubstanciadas nas fundamentações teóricas e nas práticas espaciais realizadas através de um processo de investigação que envolve uma construção de significados, decodificação das formas espaciais, bem como a representações associadas à perspectiva do entendimento dos espaços sagrados e profanos. Trazemos ainda as falas dos entrevistados, suas memórias, suas expectativas e opiniões acerca da festa.

No quarto capítulo são enfatizados dois ícones da Festa ao longo do tempo enquanto tema central da dissertação. Reforçamos o conceito de lugar a partir da construção de uma lógica sócio- espacial eivada de significados, ou seja, de uma representação que busca retratar os aspectos inerentes à relação entre o homem religioso e o sagrado. Neste contexto, buscamos verificar os valores e significados presentes naqueles lugares, seja através das formas simbólicas que estão associadas aos elementos do sagrado, como estátuas e roteiros devocionais ou simplesmente através dos elementos da natureza, representados, por exemplo, pelo Rio São Francisco. Assim, as inúmeras representações dos devotos que fazem a festa indicam não apenas a imagem concreta das formas simbólicas, mas quando nos propomos entender os diversos lugares na perspectiva da Geografia cultural procuramos enfatizar as formas espaciais do sagrado, os rituais, os tipos de romeiros, direcionando nossa análise para determinados aspectos do real que são mediatizados pelos símbolos que além de ser uma realidade material estão sempre associados a uma ideia, um valor e um sentimento.

Estruturado dessa forma, procuramos alinhar o quarto capítulo como considerações finais, dando um direcionamento para análise daqueles que participam e vivenciam o sagrado e o profano, sejam romeiros e devotos que se destinam a participar da festa (religiosa), sejam turistas e festeiros. Como também aqueles que organizam a festa profana. Trataremos agora de contextualizar os leitores acerca da cidade de Penedo e da festa.

## 1 – PENEDO: PALCO DA FESTA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES

### 1.1 - A formação do núcleo urbano.

Penedo é uma cidade Patrimônio Histórico Artístico e Cultural do Brasil, situada ao Sul do estado de Alagoas, com uma população em torno de 63 mil habitantes. O município é a sede da Microrregião homônima que compreende também os municípios de Piaçabuçu, Igreja Nova, Feliz Deserto e Porto Real de Colégio. Conta com um PIB per capita de R\$ 5.884 reais (IBGE 2012). (Figura 01)

**Figura 01** – Alagoas – Situação do Município de Penedo



Fonte: Atlas IBGE- 2012.

A área do município de Penedo é de 689,156 km<sup>2</sup> (IBGE, 2012), e a sede dista 170 quilômetros, via litoral, da capital Maceió, tendo como principais vias de acesso às rodovias BR 101, AL 110, AL 105, AL 225 e AL 101 Sul. A sua altitude máxima é de 142 metros no tabuleiro e mínima de 2 metros na Várzea da Marituba, às margens do Rio São Francisco. Sua situação as margens deste rio foi o fator determinante de sua fundação e desenvolvimento.

Todavia, com relação à data de sua fundação há controvérsias. Os registros históricos<sup>1</sup> apenas apontam para o fato de Duarte Coelho Pereira, donatário da Capitania de

<sup>1</sup> Visto que os historiadores alagoanos divergem sobre a data; apresentamos a que aparece com maior recorrência nas fontes bibliográficas consultadas

Pernambuco, ter vencido a barra do rio São Francisco no dia 10 de outubro de 1535.

Um pouco mais a frente, sete léguas acima da foz, deixou os fundamentos da futura Vila de São Francisco. Este Título foi reconhecido em 12 de abril de 1636, mas em finais daquele mesmo século já se denominava Penedo.

A cidade Patrimônio Histórico Artístico e Cultural do Brasil está marcada pelo casario colonial, símbolo do barroco nativo. Merecedora do título concilia a estética arquitetônica do homem e a generosidade do patrimônio natural. (Figura 02).

**Figura 02** – Vista do enorme rochedo que dá nome a cidade de Penedo.



Fonte: GUIMARÃES, E.V.C. 2013.

No contexto histórico do desenvolvimento do Brasil Colônia, todavia a partir de 1530, a área que compreende o atual território político administrativo de Alagoas passa a ser desbravada pelos portugueses que durante suas conquistas de terra, exploraram os produtos provenientes do solo e da flora nativos. O estabelecimento de população no território favorece o surgimento efetivo de grupos populacionais atrelados diretamente à colonização portuguesa.

De acordo com Oliveira Filho:

A longa história da formação desses grupos populacionais se confundiria com o desenvolvimento econômico do estado, pois os primeiros povoados foram fundados, além de outros objetivos, onde havia condições de implantação dos referidos engenhos, e a possibilidade de extração de riquezas da terra. Assim, os povoados, vilas e cidades foram se formando, primeiro no litoral depois por todo o interior de Alagoas. Os primeiros foram Porto Calvo, ao norte, Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, ao centro; e Penedo, ao sul. ' (FILHO, 2005, p.16).

Ao enfatizar a temática sobre os “núcleos de povoamento” do estado alagoano, Lima

(1965, p. 203-204), com o intuito de abordar a formação territorial dessa unidade da federação destaca:

As cidades alagoanas dependem de uma série de fatores históricos, geográficos e econômicos – sociais. A escolha do lugar para a fundação da cidade nem sempre ocorre de modo premeditado, porque as necessidades dos grupos humanos passam a considerar determinados núcleos urbanos, sempre na utilização espontânea dos que instalaram engenhos ou fazendas de gado, e até mesmo aldeias catequéticas e ponto de pousada. Uma classificação pode ser feita em relação às zonas onde se encontram as principais urbanizações alagoanas. Dentro deste critério podemos apresentar outros mais como sejam: cidades desenvolvidas às margens dos rios, nos pés de serra, nas manchas úmidas e isoladas no sertão, nas áreas de mais desenvolvidas agriculturas, na de indústria açucareira ou tecidos e pecuária, e cidades surgidas por necessidades estratégicas.

No caso de Penedo a povoação se deu sobretudo pela localização estratégica e pela facilidade em escoar e receber via porto, qualquer tipo de especiaria ou produto, no rio São Francisco.

Segundo Jair Barbosa, em seu livro *A história de Alagoas dos Caetés dos Marajás* (1994, p.48), a história de Alagoas é caracterizada por fatos que marcaram o homem e o espaço. Dois itens são essenciais para que se possa começar o novo e para se dar continuidade ao que já foi começado e que por algum motivo parou. Desde o início de sua colonização as riquezas de Penedo serviam apenas para atender os interesses dos desbravadores. Por mais que se pretendesse fazer do Penedo um local próspero e economicamente desenvolvido, a forma de distribuição de renda, totalmente desigual, e os interesses políticos mesquinhos não propiciaram a cidade uma continuidade em sua projeção econômica. As marcas do período colonial, as relações sócio espaciais, se perpetuaram de forma a dar a cidade algumas características peculiares que dão a sensação de estagnação.

Milton Santos (1994, p.48-49) fala do espaço como um ser vivo e com a capacidade de determinar a vida e explicitar a noção de espaço é considerá-lo como algo dinâmico e unitário onde se reúne materialidade e ação humana. Seria o espaço o conjunto indissociável de sistema de objetos materiais ou fabricados e de sistemas de ação deliberadora ou não a cada época.

É através do espaço em especial, que a expansão urbana de Penedo toma forma, através da chegada dos portugueses e, posteriormente, holandeses. Assim, iniciam a formação de núcleos populacionais as margens do rio.

Como afirma Moreno Brandão (1999, p.10-11):

A história de Alagoas é a história de posse de terra. Quando o primeiro donatário da capitania de Pernambuco Duarte Coelho Pereira, fez sua primeira expedição para o sul da capitania, atravessou todo o litoral e chegou à margem do rio São Francisco, decidindo margeá-lo até se cansar. Ao chegar a Penedo resolveu dar início a uma povoação constituindo uma fronteira. Penedo tornou-se a primeira povoação de Alagoas.

Sendo oficialmente elevada a categoria de Vila e pertencendo a Capitania Hereditária de Pernambuco, logo percebe-se que a povoação de Penedo é diferente das demais povoações e não tem a cana-de-açúcar como a principal atividade, sendo o porto, através do escoamento de todas as especiarias extraídas, o principal canal de desenvolvimento econômico da cidade. Mesmo assim o desenvolvimento de outras atividades, inclusive o comércio rudimentar de gêneros alimentícios entre as classes exploradas, faz crescer a povoação, que dá início à formação de um centro urbano e passa a exercer forte influência na região. Ainda na concepção do mesmo autor, a construção do porto de Penedo tornou-se o ponto de ligação do povoado com outras localidades, pois o desenvolvimento da navegação através do rio permitiu que toda produção fosse embarcada em navios vindo do exterior. Tem-se aí, desde os primórdios do seu povoamento uma estreita ligação entre os penedenses e o Rio São Francisco.

A despeito do desenvolvimento e crescimento da cidade de Penedo, nos dias atuais, é um polo comercial e econômico da região sul de Alagoas. Hoje sua principal atividade econômica está vinculada ao setor sucroalcooleiro e tem o setor público como principal empregador. Seu comércio é aquecido ainda pelos programas de transferência de renda do governo federal.

## **1.2 - Os primórdios da Festa de Bom Jesus dos Navegantes**

A Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, que ocorre no segundo domingo de janeiro de cada ano, é uma manifestação multicultural do povo ribeirinho do São Francisco. É no calendário da cidade e de todo o baixo São Francisco, o mais importante acontecimento turístico-religioso.

Segundo o historiador penedense Ernani Méro:

Os habitantes da Vila do Penedo do rio São Francisco solicitaram a vinda dos filhos de São Francisco, pois sentiam a necessidade de sua evangelização em caráter

permanente na região. Evidentemente já no século XVI o solo penedense foi pisado pelos filhos de São Francisco, Franciscanos e Capuchinhos, como missionários itinerantes. (MÉRO, 1991, p.187).

No contexto colocado por Ernani Méro as primeiras representações oficiais do catolicismo chegam a Penedo, sob a lógica da catequese e da educação, com as ordens católicas que logo tratam de fincar bandeira à margem esquerda do Rio São Francisco e, daí por diante, desenvolvem suas crenças e ganham espaço na vila. A que mais se destaca é a Ordem dos Franciscanos que de imediato já recebe da Câmara Municipal a doação de um terreno para que se erga o Convento Franciscano. Em 1660, ainda segundo Ernani Mero (1991) foram iniciadas as obras da Igreja Conventual Franciscana Nossa Senhora dos Anjos, que passaria a ser então o centro de devoção católica dos penedenses. A ordem dos Franciscanos, como de praxe, trata também de compor calendário devocional e festivo que celebre ao longo do ano os Santos Oficiais de Roma. Desde a festa dos Santos Reis em janeiro até o Natal em dezembro, as celebrações saem do campo do litúrgico e passam a se projetarem para além dos muros do convento. Recriam-se as quermesses, as procissões, os atos de rua na Semana Santa. Como resposta natural aos estímulos católicos a população ribeirinha passa a adotar e praticar os ritos ditados por Roma. Penedo passa então a ser, por seu posicionamento geográfico, um centro de difusão da fé católica.

No livro do *Tombo da Venerável Ordem Terceira Franciscana* (s/d), conforme cita Ernani Mero (1991), é possível encontrar registros da existência de um altar em devoção ao Bom Jesus dos Navegantes; já no século XVII:

[...] a parede do frontispício que estava no alinhamento da terra foi erguida mais em busca do adro sobre as arcadas (galilés) que formava airoso vestíbulo, onde se mostram os altares do Senhor Bom Jesus dos Navegantes e de São Vicente Ferrer... (SIC) (MÉRO, 1991, p.188)

Já no século XVII, ainda segundo o livro do Tombo da ordem terceira (s/d), há registros de que a procissão terrestre e fluvial com a imagem votiva do Cristo Agonizante (ECCE HOMO; que significa “Eis o Homem”), a imagem mais antiga de Penedo, saía da igreja conventual Nossa Senhora dos Anjos. O cortejo percorria as ruas do centro da cidade, adentrava em uma embarcação e, ainda segundo o livro do Tombo do Convento, constituía um ritual de sacralização em agradecimento a pujança e a fatura do rio São Francisco.

Como um dos primeiros núcleos de povoamento de Alagoas, e ponto de instalação das

expedições catecumenos-colonizadoras dos Franciscanos, Penedo teve a fé católica bastante difundida desde esta época. Os franciscanos tiveram também papel fundamental na constituição do matiz cultural dos ribeirinhos. Difundiram atividades diversas seja catequizando os nativos, ou customizando a terra com os ritos ditados por Roma, ou ainda prestando serviços de saúde aos doentes, os frades foram imprescindíveis ao crescimento intelectual da sociedade da época.

Assim, chegando a Penedo, os franciscanos começam, a partir da difusão da fé católica, a caracterizar o espaço atribuindo-lhe certas características que terminaram por organizar a vida na vila. A partir desta realidade, surgem templos e confrarias pretendendo manifestar de diversas formas a simbologia da fé recém-aprendida. Para Augustin Wernet (1987), o caráter destas práticas religiosas era percebido segundo a estreita interação da religião com a vida social e comunitária:

A religião era o núcleo firme da convivência, foi ela que impregnou todas as manifestações da vida social. As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais, dos engenhos e fazendas isoladas. O sagrado e profano andavam unidos e juntos. As procissões e as festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo, na maior parte das vezes, uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e se divertir. (WERNET, 1987, p. 24-25)

Portanto, algumas questões do universo das práticas religiosas tidas como populares e suas representações simbólicas do sagrado nos dias atuais estão indiscutivelmente ligados à presença da igreja católica.

Estas manifestações de religiosidade popular apontam para uma interação contínua e intensa entre a igreja e a população local ao longo do tempo.

O historiador Ernani Otacílio Méro; no livro *Templos, Ordens e Confrarias. História Religiosa de Penedo* relata sobre a origem da imagem de Bom Jesus dos Navegantes:

Existem algumas imagens de bom estilo. Destacam-se, porém, a imagem do Bom Jesus dos Navegantes, da lavra do Mestre Cesário Procópio dos Mártires. Essa imagem foi uma criação sua. Antes a procissão que é fluvial era feita com um Cristo crucificado de estilo Jacenista que se encontra na sacristia do convento. Por razões de desentendimento entre a Irmandade e o Superior do Convento, a festa deixou de ser realizada na Igreja Conventual Franciscana de Nossa Senhora dos Anjos. O cidadão conhecido como “Antônio Peixe Boi”, membro da irmandade e da comissão da festa, ficou muito aflito. Procurou o Mestre Cesário e este assumiu o compromisso de esculpir a imagem do Bom Jesus dos Navegantes. Como era mestre muito versado nas Sagradas Escrituras, um asceta, criou o tipo da imagem que conhecemos. Tomando por motivação o Mestre na barca sobre o Lago de Genezaré. Hoje em toda a margem do São Francisco e em outras cidades brasileiras existem

cópias feitas por ele e por seu discípulo maior, o escultor Antônio Pedro dos Santos. As primeiras esculturas existem em Penedo e em Jaraguá – Maceió. (MERO, 1991, p. 283-284)

No imaginário popular o Bom Jesus passava e tornava tudo farto e sagrado. O percurso da procissão era motivo de disputa a cada ano pelas famílias que tratavam de demarcar o seu território ao longo de seu itinerário o que, segundo a crença, garantiria a fartura e a vida longa. Na configuração espacial os mais abastados procuravam ter a igreja próxima de seus lares, pois morar próximo à igreja era privilégio dos mais nobres.

Nos dias de festas e procissões, pelas ruas, as janelas das casas eram enfeitadas com as melhores toalhas de renda, com as flores mais belas e com candeieiros e velas a fim de expressar simbolicamente a fé do povo que agradecia ao Cristo Jesus pelas bênçãos recebidas. Havia, na casa dos mais nobres, uma espécie de “estação”, onde a procissão parava por um instante para que a imagem fosse venerada pelas nobres famílias ao longo dos altares montados no percurso. Além de simbolizarem a fé das famílias, as “estações” representavam certo caminho econômico da imagem e a dessacralização do altar na medida em que apenas as famílias mais nobres tinham possibilidade de venerar a imagem votiva através de uma breve parada em frente a sua residência.

Como nos aponta Rosendahl (1999), a Geografia tem papel importante no desvelar dessa relação entre o sagrado e o profano:

O sagrado em sua dimensão espacial apresenta várias questões interessantes relacionadas às formas e funções. A ideia de que existem espaços sagrados, quer designados em locais sagrados e fixos, ou apreendidos em sua categoria móvel, vem atraindo a atenção dos geógrafos. Em parte devido ao interesse da disciplina pela paisagem religiosa e, por outro lado, devido aos tradicionais estudos de peregrinação. (ROSENDAHL, 1999, p.08)

É no contexto dessa dinâmica que se desejou entender como uma festa tradicional recebe, a cada ano, novas formas e intenções e como isto pode ou não influenciar na identidade cultural dos seus participantes.

Pretendeu-se, pois, redescobrir, visitar o sentido da Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, não apenas sua permanência como a maior festa católica de Alagoas, mas como uma rica fonte de investigações, com um acervo que retrata as diversas possibilidades e revela as contradições explícitas através da territorialidade do sagrado e do



profano na festa.

### 1.3 – A Operacionalização da Pesquisa

Acima de tudo, é preciso ressaltar que a fenomenologia consiste num método e numa forma de pensar, nos quais a intencionalidade da consciência é considerada chave. Porque a consideração da percepção advinda das experiências vividas é, assim, considerada etapa metodológica importante e fundamental, procurando romper a oposição entre sujeito e objeto, tanto quanto entre ator e observador e afirmando-se uma visão antropocêntrica do mundo e uma recuperação do humanismo que a Nova Geografia havia feito desaparecer com seus modelos teóricos. Com essa perspectiva, o espaço vivido, como revelador das práticas sociais, passa a ser a referência central, colocando-se o lugar no centro da análise. (LENCIONE, 1999, p. 150-1)

No método fenomenológico o objeto é descrito a partir das relações do sujeito e de seus pontos de vista, visando apreender o objeto. Na fenomenologia não se estuda um município, como território, mas sim como um campo de sinais que os agentes centralizadores de poder organizam e direcionam através das relações cotidianas do homem dentro de uma determinada área. Embora tais relações estejam postas no dia a dia a festa modifica substancialmente estas relações. A pesquisa pretendeu analisar estas relações durante o tempo festivo do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL.

Por esse viés, pode-se dizer que o intuito deste estudo foi compreender as diversas formas de relação humana com os fenômenos relacionados ao sagrado e ao profano procurando discutir e analisar as mudanças da festa e dos sujeitos que fazem a festa. Para tanto, procurou-se uma abordagem fundamentada em uma metodologia clara, para melhor entender as ações e a organização do espaço onde acontece a festa e sua fragmentação.

Dentre os procedimentos metodológicos adotados, com o propósito de melhor organizar as informações obtidas, citam-se: pesquisa qualitativa, documental, exploratória, aplicação de entrevistas intencionais a fim de revelar os conteúdos presentes nas memórias, falas e ações (TRIVINÕS, 1987). Tais procedimentos podem ser definidos a partir de um quadro conceitual, buscando adequar as técnicas de pesquisa aos objetivos a serem alcançados, levando-se em consideração as algumas etapas.

As obras e textos de Milton Santos (2001), Rita de Cássia de Mello Peixoto Amaral (1998), Yi-Fu Tuan (1965, 1975, 1978, 1983), Zeny Rosendahl (1996, 1999, 2005, 2009) Haesbaert (1997, 2002) Mircea Eliade (1992), Merleau-Ponty (1962), dentre outros, foram

fundamentais para a construção de todo um referencial teórico sobre lugar e percepção espacial. A revisão bibliográfica sobre a temática acompanhou todo o percurso da pesquisa, através de levantamentos de diversos livros, monografias, revistas, Internet, artigos, etc.

A pesquisa de campo foi realizada durante a realização da Festa de Bom Jesus dos Navegantes dos anos de 2013 e 2014, através de observação de campo, aplicação de entrevistas e material fotográfico da área de estudo. A aplicação das entrevistas procurou contemplar questões relativas a vivência, na localidade, durante o acontecer festivo. Finalmente, nos utilizamos de Bardin (2009) para analisar os conteúdos. Reunidos numa planilha, os conteúdos extraídos das entrevistas que nos deram direcionamento para concluir a pesquisa. (Apêndices A, B e C).

Utilizamos da Análise de Conteúdos em BARDIN (2009) onde depois de realizadas quarenta entrevistas, com roteiros aplicados de modo intencional, sendo um para cada tipo de entrevistado, dividindo os entrevistados em grupos sendo o primeiro grupo composto de vinte questionários aplicados a fiéis/festeiros e o segundo grupo, também com vinte questionários, aplicados a organizadores/clérigos. Trazemos a baila ao trabalho a memória dos entrevistados, as falas, as considerações e toda uma revisão das fontes documentais bem como um acervo iconográfico.

Diante dos objetivos e questionamentos propostos, definiu-se neste trabalho que deveriam ser observados os seguintes critérios: aplicação de entrevistas direcionados a três grupos; os fiéis, os festeiros e os agentes organizadores da festa, a saber, que chamamos fiéis aqueles que estavam presentes na festa por conta da fé católica. Os festeiros foram aqueles que apreciam a festa como atividade de lazer, sem nenhum viés de religiosidade e por ultimo consideramos agentes organizadores aqueles que organizam a festa de modo direto; sejam vinculados ao poder publico municipal, sejam os que ocupam espaços de poder na igreja católica. Ressalta-se aqui que no início da realização das entrevistas perguntávamos aos entrevistados em qual grupo eles se encaixavam; ou seja, a classificação foi feita por autoafirmação, salvo nos casos de poder instituído.

As informações obtidas através de registros de depoimentos sobre a história da festa nos deram subsídios para compreender os vínculos afetivos que ligam as pessoas ao lugar onde vivem, e como veem, em seu imaginário, o processo de transformação do arranjo

espacial da festa e suas implicações.

A opção por utilizar uma metodologia qualitativa está relacionada à necessidade de levantamentos de dados de difícil mensuração e, por isso, os depoimentos de história de vida trouxeram as informações de caráter mais subjetivo e individual. Trata-se de valorizar a vivência do narrador, o que ele presenciou ao longo do tempo e a familiaridade em captar, através da percepção, os laços que o ligam ao lugar.

Diante de tais procedimentos, bem como dos questionamentos levantados e guiados pelos fundamentos que dão legitimidade às categorias **espaço e lugar**, enquanto conhecimento ou matriz teórica da Geografia pretendeu-se responder às indagações que surgiram a partir da verificação da problemática em torno da relação do sagrado e do profano na Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL.

## **2 – A FESTA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES**

### **2.1 - O Lugar**

“Lugares podem ser símbolos ou campos de preocupações, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende em última análise das emoções humanas que vibram nos campos das preocupações.” (TUAN, 1983, 67).

A discussão que se faz sobre o termo lugar no âmbito da Geografia não é recente, sendo algumas vezes considerada como a “ciência dos lugares”. Ao longo do século XX, o conceito ganhou diversas formas de ser concebido, sendo alvo de um amplo debate que se insere em um movimento ora de aceitação ora de refutação em relação ao seu status de categoria em que pese sua aplicação/reflexão nos diferentes métodos.

Iniciamos a discussão do tema sobre a categoria “lugar”, enfatizando que uma determinada porção do espaço não é um campo vazio no qual a organização de elementos naturais e culturais o tornam conhecido. Isto significa dizer que são as realizações empreendidas pelo homem, quer seja quando produzem bens materiais para sua sobrevivência ou quando definem formas pelas quais são constituídos seus sistemas culturais, que ampliam e enriquecem o conceito de lugar, como os geógrafos, que adotam a perspectiva da abordagem humanista para compreender o lugar.

No âmbito das ciências sociais, em particular a Geografia, a expressão lugar constitui-se como um dos seus conceitos-chave. O lugar, sendo definido como um contexto,

em termos relacionais, é resultado de processos que interagem de forma dinâmica sobre o mesmo (STAEHELI, 2008). Considerando as várias reflexões sobre o termo no que diz respeito ao seu significado, é possível identificar duas orientações que se sedimentam a partir das linhas epistemológicas humanista e dialética marxista (LEITE, 1998). Embora essas duas correntes apresentem distintas postulações filosóficas, teriam como elemento convergente, o fato de terem surgido como reação ao pensamento positivista no qual uma de suas principais manifestações era reduzir todo trabalho científico ao domínio da aparência dos fenômenos.

Em comum, essas abordagens apreendem os lugares como centros pelos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades para as realizações primeiras do homem. São, assim, abordagens importantes e que precisam ser integralizadas por dados experienciais que possam coletar e interpretar suas características diversas, com fidelidade, porque segundo Tuan (1983), temos o privilégio de acesso a estados de espírito, pensamento e sentimentos.

Os significados que os indivíduos atribuem aos lugares estão associados com o cotidiano, movimentos e atividades dos homens no lugar. Explorando o significado dos lugares na perspectiva do simbólico, especificamente na esfera do sagrado, pretendemos mostrar que não existe um único significado para o lugar, mas sim interpretações plurais. Entendemos ainda que as relações intersubjetivas estão intrinsecamente relacionadas à produção do lugar e esse universo plural de interpretações harmoniza-se ao pensamento de Merleau-Ponty (1999, p. 328), que ao considerar o espaço como uma espécie de “mundo” no qual todas as coisas mergulham, ou de concebê-lo abstratamente com um caráter que lhes seja comum, devemos pensá-lo como potência universal de suas conexões. Dessa forma, o mundo, enquanto lugar de vida não é apenas o ambiente real e lógico nas quais as coisas se tornam possíveis, mas um amplo campo de experiências vividas e partilhadas em evidências de um mundo subjetivo.

Neste contexto, surge um questionamento: haveria a possibilidade de pensar o lugar como algo único; singular? Apesar do intenso processo de globalização que despersonaliza identidades, impõe ritmos, reordena formas na paisagem, assim, acreditamos que tal imperativo ainda é combatido pelo lugar. Milton Santos (1994, pág. 36) nos fala que o “acontecer solidário” reforça o entendimento de lugar como um dos referenciais indispensáveis à vida na esfera do cotidiano. O lugar torna-se, portanto, o mundo da

solidariedade, permitindo novos reordenamentos impostos pela globalização ao tentar impor uma única racionalidade para o mundo.

O termo lugar é muito usado no cotidiano. É uma palavra que envolve o senso comum, tornando fácil compreendê-lo como algo familiar e que busca estabelecer, por exemplo, uma localização. Além do senso comum, porém, é uma tarefa árdua quando pensamos o conceito de lugar e sua centralidade tanto para a Geografia quanto para a vida cotidiana. Embora os conceitos de espaço e lugar possam parecer claros, eles têm sido muito questionados e às vezes mal definidos e identificados no contexto das ciências sociais. Em razão disso, ao refletirmos sobre seus significados, muitas dificuldades surgirão principalmente se considerarmos esses significados no momento em que se aborda a relação espaço e lugar. Certamente no cotidiano, os dois termos são diferentes sugerindo que eles sejam relacionados, entretanto merecendo serem conceituados distintamente.

A abordagem humanista tende a focar o lugar compreendendo este como um ambiente distinto, definido pela experiência vivida. Através dos trabalhos de Yi-Fu-Tuan, sobretudo no livro *“Espaço e Lugar”* (1983), constata-se a maneira como este autor sugere que a noção de lugar está associada ao aspecto emocional das pessoas. Aproximando-se dessa abordagem e adotando a perspectiva fenomenológica, Relph (1976), enfatiza a relação sujeito-lugar, observando que a mesma vai além da análise objetiva, focalizando as experiências vividas no espaço, descrevendo os componentes essenciais do lugar e da *deslugaridade*, atentando ainda para o fato de como eles se expressam na paisagem, induzindo o pensamento que determinados lugares são mais autênticos que outros e que o sentimento de pertencimento, movido por um forte laço de amizade entre as pessoas, caracterizaria o lugar. Recorre-se ainda a Relph (Id. p. 42), que afirma serem os lugares incorporados às estruturas intencionais de todas as experiências do sujeito. Assim, os aspectos do mundo vivido que se distinguem no lugar são diferenciados, pois envolvem intenções, atitudes e experiências.

Admitindo que os lugares sejam fundamentais, oferecendo um sentido de pertencimento para aqueles que vivem neles, a perspectiva humanista propõe uma definitiva e complexa relação entre o caráter específico dos lugares e as identidades culturais daqueles que vivem neles. Na perspectiva materialista, os embates culturais explicitam desigualdades na forma como o espaço é ocupado e usado pelos diferentes grupos. Essas abordagens apresentam o espaço e o lugar como conceitos fundamentais e opostos. Como pontua Tuan

(1983) o lugar admite uma indicação de estabilidade, enquanto o espaço indica fluidez, movimento. O lugar é sempre relacionado com a segurança, com a ideia de proteção, enquanto espaço é associado com o desconhecido e a mobilidade e alterações.

Neste contexto observa-se ao longo das 130 edições da Festa de Bom Jesus dos Navegantes a composição de diversos arranjos na montagem da festa; na prática foram cento e trinta arranjos espaciais diferentes; o espaço foi usado de modo diferenciado em todas elas, mas, como veremos na próxima parte do trabalho, em todas as edições da festa o Bom Jesus de Penedo o lugar da confraternização dos penedense traz à tona um sentimento de conagração, de pertencimento; de reavivamento da memória do povo ribeirinho, uma espécie de volta as origens que só a população do Baixo São Francisco conhece e percebe durante o festar.

É bem verdade que a festa mudou com o passar do tempo, porém temos que estar atentos para o fato de que espaço e lugar são categorias distintas. O dualismo existente entre espaço e lugar será bem identificado em Castells (1999), quando este autor analisando o processo de construção da identidade enuncia as consequências sociais da globalização e do capitalismo informacional. A era da informação na sociedade contemporânea, traduz-se em uma sociedade em rede que opera globalmente, caracterizando a fluidez espacial, sendo transformada por inovações tecnológicas. Esse espaço de fluxos dissemina um repertório padronizado para o consumo de bens, imagens e estilos de vida para todo o planeta. A explicação é que o lugar, as formas de vida e as identidades, estão sendo determinados pela lógica global do capital e que esta realidade afetou e afeta a construção do arranjo da festa a cada edição.

O lugar enquanto conceito-chave para o estudo da globalização em particular e para a Geografia em geral, somente adquire importância a partir de meados da década de 1970. Desde a institucionalização da Geografia como disciplina acadêmica, com a ideia positivista da ciência, o lugar foi eventualmente analisado em um plano secundário. Na Geografia clássica do início do século, o conceito de lugar tinha um sentido locacional e assim se definia a Geografia como a ciência dos lugares e não dos homens. A busca de uma objetividade exagerada inviabilizou qualquer consideração que extrapolasse seu significado locacional.

Para Corrêa (1995, p. 29), no momento do surgimento da Geografia humanista e com

a retomada da Geografia cultural, a paisagem torna-se um conceito revalorizado, assim como o lugar passa a ser um conceito-chave mais relevante.

Tomando como percurso teórico as filosofias do significado, especialmente a fenomenologia e o existencialismo, a Geografia humanista será definida através de parâmetros que se assentam na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência vivida e no simbolismo. Os estudos fenomenológicos na Geografia buscam apreender o significado do lugar, não apenas algo que é objetivamente dado, mas como algo que é construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência (SILVA, 1986). Portanto, a realidade não é apenas um dado objetivo, mas inclui a percepção do meio ambiente enquanto experiência vivida e sentida. A ênfase que a Geografia humanista dá ao lugar revela-se através dos pressupostos calcados nos sentimentos e nas ideias do sujeito a partir de suas experiências de vida.

Compreender o lugar sob o ângulo do espaço vivido é enxergar o nível corpóreo-emocional que o indivíduo mantém com o lugar. Tuan (1983) ao focar esta relação homem-lugar, diz que o espaço é orientado a partir do corpo humano, resultando de uma experiência primitiva do espaço. Para Tuan, o espaço incorpora implicitamente uma base fenomenológica pelas quais as atenções se voltam para os valores espaciais, produzindo uma sensação de “apinhamento” como experiência subjetiva. A forte ligação do sujeito com o lugar é também ressaltada por Fremont (1980) quando mostra que o homem desde o nascimento irá efetuar com o corpo materno uma formação espacial e que se desenvolve pelas metamorfoses que o corpo passa até a senilidade.

Autores como Eric Dardel (1990), David Lowenthal (1982), Anne Buttimer (1982), ao proporem uma visão fenomenológica da Geografia, contribuíram para o conceito humanista de lugar, conceito este já destituído de suas conotações exclusivamente locais. A abordagem do lugar na perspectiva humanista, que teve como base filosófica o existencialismo e a fenomenologia, irá definir o lugar enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço vivenciado pelo indivíduo, ou seja, um foco gerador de significados. Essa dimensão do vivido tem destaque nas formulações de Entrikin (1991), quando se reporta ao lugar afirmando que este se apresenta como condição da experiência humana. Assim, enquanto agentes no mundo, os indivíduos estão sempre no lugar fazendo parte de um determinado sistema cultural. Por esta razão, a relação existente do indivíduo

com a cultura do lugar, produz elementos que forjam a construção de suas identidades coletivas e individuais.

Buscando as origens da Geografia humanista, Rosendahl(1999) se reportará a Carl Sauer, afirmando ser difícil tecer considerações sobre Geografia humanista e Geografia cultural sem citar este autor. Para ela, cita-lo consiste em grande negligência acadêmica.

Ao apresentar o conceito de paisagem, Sauer talvez tenha sido o primeiro a desvincular o lugar do sentido estritamente locacional. O conceito saueriano de paisagem cultural incorpora fortes elementos subjetivos e esses elementos remetem ao conceito de lugar.

Podemos observar que o resultado desta concepção incorporaria integralmente o discurso da subjetividade que estava implícita no conceito de lugar. A abordagem feita por Sauer irá compreender a paisagem como uma unidade bilateral, revelando assim sua expressão cultural na qual a marca humana está associada a uma área (lugar), bem com os grupos que mantêm uma descendência ou tradição (SAUER, 1998, p. 30).

Desse modo, a localização ou posição não é condição necessária para a constituição do conceito de lugar. É fundamental compreender o lugar enquanto constituído pela experiência que temos do mundo. A valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente caracteriza a perspectiva humanista sobre o lugar, conduzindo o geógrafo a não exercer apenas sua própria imaginação geográfica, mas refletir sobre a imaginação do próximo.

Eric Dardel, em *“L’Homme et la Terre”* (1990), ao propor um estudo fenomenológico da Geografia, ofereceu uma importante contribuição para o conceito humanista de lugar, conceito este já destituído de suas conotações exclusivamente locacionais. Com bastante propriedade, Dardel apresenta a abordagem do lugar na perspectiva humanista, tomando por base os preceitos da fenomenologia e que segundo Holzer (1993) “a obra de Dardel torna-se agora leitura obrigatória para quem deseja trilhar os caminhos da teoria da Geografia, principalmente na perspectiva da abordagem humanista”. O lugar na ótica de Dardel seria definido enquanto uma experiência que se refere essencialmente ao espaço como vivenciado pelos seres humanos, ou seja, um centro gerador de significados geográficos.

O lugar adquire uma importância singular para a Geografia humanista, pois, se na



análise espacial, o lugar se comporta como um nó funcional, para a Geografia humanista ele significa um complexo simbólico que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um. Neste sentido afirma Tuan (1983), que a estruturação e orientação do espaço se dá a partir da experiência grupal. Portanto, para os geógrafos humanistas, o lugar é principalmente um produto da experiência humana, adquirindo também uma personalidade e um sentido. Evoca-se, o “espírito” do lugar, no qual seu sentido é evidenciado quando as pessoas aplicam seu discernimento moral e estético aos sítios e localizações. Estas reflexões corroboram para a percepção do lugar em termos fenomenológicos. Para Relph (1976), a essência do lugar é ser o centro das ações e das intenções, nas quais são experimentados os eventos mais significativos de nossa existência. Dessa forma o lugar significa muito mais que o sentido de localização; não se refere aos objetos e atributos das localizações, mas também às experiências do indivíduo com o mundo.

Nesta abordagem o lugar também está associado a sua dimensão simbólica. O caráter simbólico dos lugares revela-se ao ser humano como algo que precede a linguagem e a razão, apresentando assim determinados aspectos do real ao enfatizar as relações entre o simbólico e o lugar. Para Tuan (1982, p. 162), a principal função do geógrafo humanista é esclarecer o significado dos conceitos, dos símbolos e das aspirações à medida que dizem respeito ao espaço e ao lugar. Admitindo a existência de relações das pessoas com o seu ambiente, sendo estas relações mediadas pela cultura, ratifica Tuan que uma das funções do humanista é mostrar que o lugar é um conceito e um sentimento compartilhado tanto quanto uma localização e um meio ambiente físico.

Estas relações são mediatizadas pelo contexto simbólico que pode ser uma realidade material e une-se a uma ideia a um valor e a um sentimento. Para Entrikin (1991,) o conceito geográfico de lugar faz referências ao contexto de uma área que inclui objetos e ações. Neste contexto também estão presentes os elementos relacionados à natureza bem como aqueles representados pelas ações humanas. O interesse em descrever e compreender o contexto natural associado com as distintas formas de vida pode ser ampliado no sentido de envolver a dimensão simbólica estabelecida pelas relações criadas entre o homem e seu meio.

As mediações simbólicas estão contidas no bojo de atitudes pessoais em relação aos lugares, suas afetividades e de seus pertencimentos. A análise do simbólico presente no lugar é uma tarefa que em um primeiro momento se deu através da psicanálise, através de um

processo sistemático de decodificação, decompondo o símbolo numa série de significados. O caráter simbólico dos lugares também permite um êxodo conceitual no qual buscamos uma exegese à luz de outras disciplinas. A leitura do lugar a partir dos símbolos busca compreender como eles se tornam familiares ao indivíduo. Na concepção de Yi-Fu Tuan (1983), a amplitude da experiência ou do conhecimento pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por símbolos. Os saberes e fazeres humanos atribuem, assim, significados e organizam os lugares e os símbolos presentes fazem a mediação entre o mundo interior e exterior.

O simbólico dos lugares nos remete ainda ao conceito de *lugar vernacular* (BOYER, 1996). Os valores locais, os saberes, os costumes, estariam enraizados no lugar, sempre preservados ou recriados, tomando por base o desejo nostálgico que emana desses locais. Neste sentido, explicita-se um conjunto de representações nas quais as densidades simbólicas expressam o vernáculo dos lugares. Assim, a dimensão simbólica do lugar expressa a relação que um determinado grupo social mantém com o lugar, expressando a sua formação e continuidade, mantida através de práticas culturais nas quais são representadas por povoados, lugares sagrados, festejos, celebrações agrícolas, entre outros.

Cada um dos exemplos possíveis contém uma variedade de elementos de ordem natural ou cultural associados a uma prática cultural na qual definem um conjunto de símbolos e que expressam a memória do lugar ou como salienta Claval (2001, p. 140) “o espaço frequentado pelos homens não se limita jamais àqueles revelados pela observação: ele é acompanhado de um outro, refletido num outro mundo, ao qual são atribuídos valores e charmes superiores àqueles do meio familiar”. Essa relação entre o indivíduo e o lugar é, portanto, mediatizada por uma rede simbólica cuja materialidade traz o imaterial, algo visível que mostra o invisível.

O símbolo presente no lugar pode ser definido também como um elemento mediador entre diferentes registros da experiência e da comunicação humana. Estas possuem uma dimensão irredutivelmente espacial, ou seja, o mundo conhecido e imaginado no qual a atividade humana se converte em um complexo emaranhado de significados, manifestos em uma realidade geográfica, que irão encontrar no lugar um suporte privilegiado envolvendo aí o processo de simbolização. A compreensão do lugar enquanto símbolo, buscando um sentido imaginário do sujeito com seu lugar, expressa uma relação que é mediatizada pelas

práticas socioespaciais que envolvem aculturações e adaptações através da artificialização da natureza. A análise geográfica deve examinar o espaço como um texto no qual as formas são portadoras de significados e sentidos (GOMES, 1997).

Estas práticas sócio-espaciais contêm, portanto, o simbólico dos lugares, nas quais as relações registradas pelos símbolos representam realidades materiais e imateriais, produzindo significados em suas mais diversas formas, identificados pelos objetos, costumes, práticas e ritos. Assim o lugar perpassa, podemos dizer, pela noção de pertencimento e sentimento sendo estes dois fatores indispensáveis na composição da identidade dos locais e estes fatores estão presentes na territorialidade do sagrado e do profano na Festa de Bom Jesus; lugar dos penedenses.

## **2.2 Os Lugares Sagrados**

A vida dos homens e seu espaço são constituídos de vários aspectos sejam eles materiais, sociais ou simbólicos. Esse espaço é transformado pela cultura e pode ser expresso pelas práticas religiosas que dominam um determinado lugar. Durkheim (1996) assinala que os sistemas religiosos são importantes, pois como primeira tentativa de compreender a realidade exterior e objetiva do mundo, oferecem elementos relativos ao conteúdo e a forma lógica, oferecem também elementos de ordem cognitiva na elaboração de ideias permanentes e representações sociais.

Para Durkheim:

é a natureza da religião em seu conjunto que se exprime diretamente. Procede-se como se a religião formasse uma espécie indivisível, quando ela é um todo formado de partes; é um sistema mais ou menos complexo de mitos, de dogmas, de ritos, de cerimônias.(DURKHEIM, 1996, p.18)

Ocupando um espaço importante na obra de Durkheim, as religiões primitivas constituem a origem de seu estudo por considerar que em sua clareza e simplicidade, evidenciam o essencial, mais tarde oculto pelo secundário e o acessório.

Algumas questões podem ser levantadas sobre o sagrado, um termo geralmente usado em oposição ao secular e ao profano. O sagrado é também tomado como referência para a classificação de pessoas, coisas, lugares, envolvendo ainda a regulação de comportamentos com relação às formas simbólicas que envolvem o espaço sagrado através de regras, proteções e proibições. As características inerentes aos lugares sagrados emanam dessas

formas ou ainda da experiência que o indivíduo vivencia.

A existência de lugares sagrados, sobretudo aqueles criados a partir de uma *hierofania*, coloca o homem religioso em uma delimitação espacial. Eliade (1992) indica que não existe um espaço sagrado homogêneo, podendo haver rupturas, conferindo-lhe uma heterogeneidade estabelecida como uma experiência primordial que corresponde a uma fundação do mundo, não se tratando de especulação teórica, mas de uma experiência religiosa primária que precede a reflexão sobre o mundo.

Portanto, o sagrado introduz uma ruptura entre o natural e o sobrenatural, mesmo que os seres sagrados sejam naturais como a água, o fogo, os animais. É sobrenatural a força ou a potência para realizar aquilo que os homens julgam impossível efetuar, contando com as forças e a capacidade humana. Este espaço, conforme explica Eliade (1992, p. 38), assume um caráter de duplicidade, ele ao mesmo tempo é centralizado e aberto. O espaço sagrado estabelece um centro no mundo, fixando um ponto de homogeneidade no espaço profano, providenciando ainda um lugar onde podemos habitar e estabelecer uma conexão com os deuses.

A heterogeneidade do espaço sagrado de que nos fala Mircea Eliade e tal qual ela é vivida pelo homem pode ser evidenciada pelo surgimento em determinados lugares de manifestações hierofânicas. Essa manifestação do sagrado nesses lugares os torna qualitativamente diferenciados e poderosos, separados do espaço comum, do cotidiano e do espaço profano. O espaço sagrado também implica a ideia de repetição da *hierofonia* primordial que consagra o espaço e vai singularizá-lo e isolá-lo do espaço profano e conforme Eliade (1996) contém um ponto fixo, o “centro do mundo”, o eixo de toda a orientação futura. O espaço sagrado formado a partir da organização do caos original, comporta a ação pelo rito, isto é, por uma ação humana que estabelece relações entre os deuses, o mundo e o homem. Assim os espaços sagrados irão delimitando-se, ensejando a construção de lugares sagrados, não só dos lugares, mas também dos tempos.

Pela sacralização e consagração, a religião cria a ideia de espaço e tempos sagrados. Capelas, igrejas, templos, rios, mares, montanhas são considerados lugares sagrados. O espaço da vida comum separa-se do lugar sagrado por meio da presença de processos rituais e elementos simbólicos que conferem a sacralidade ao lugar.

Assim, a relação entre o sagrado e os lugares se insere numa ordem pela qual a experiência religiosa engendra formas espaciais, reunindo um sistema de símbolos capaz de tornar os lugares em algo humanamente significativo. Essa experiência religiosa, ao produzir na paisagem formas e funções religiosas, pode ser verificada na observação do arranjo da Festa do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, surgindo nesse momento esquemas de percepção, de concepção e de ação, conferindo, portanto, uma identidade ao espaço de realização da festa, uma representação do povo ribeirinho, do povo penedense.

Ao evocarmos a sacralidade de um lugar, percebemos a existência de significados que são emanados da relação sujeito-lugar. Tais significados atribuídos pelos indivíduos ao lugar sagrado estão vinculados a sua realidade cotidiana, ou mais precisamente por sua conduta que é determinada por ações objetivadas, por práticas que adquirem um significado.

O lugar sagrado enquanto construção simbólica não é escolhido pelo homem; ele é simplesmente descoberto por ele ou como afirma Mircea Eliade:

O espaço sagrado é revelado sob uma ou outra forma. A revelação não se produz necessariamente por intermédio de formas hierofânicas diretas; ela é obtida, por vezes, através de uma técnica tradicional saída de um sistema cosmológico – a *orientatio* que é um dos processos usados para “descobrir” lugares. (ELIADE, 1993, p.297)

As diferentes análises geográficas sobre o lugar sagrado enfatizam a vivência e a identidade nas qual cada comunidade religiosa se estabelece no mundo sagrado e participa da memória histórica no tempo e no espaço. Nesse contexto focalize-se as ligações que as pessoas desenvolvem com os lugares sagrados, podendo ser ressaltados em muitos trabalhos desenvolvidos por geógrafos como Yi-Fu-Tuan (1980), o qual aponta a existência de uma ligação emocional que é criada e mantida através da edificação do lugar sagrado.

A criação dos lugares sagrados também está associada à ação simbólica que o homem desenvolve através de processos que indicam a organização de um espaço socializado e que representa a própria história, estabelecendo um elo entre o mundo e as relações simbólicas. Entendemos aqui como um ordenamento de signos organizados estruturalmente, transmitidos, reproduzidos e explorados pelo sistema social. (DUNCAN, 2004) Assim o lugar, entendido na perspectiva simbólica do sagrado, aparece como um conceito cuja polissemia está ligada à própria existência do homem, quer seja individualmente ou em sua dimensão coletiva.

O simbolismo dos lugares sagrados estabelece, portanto, uma teia de elementos na

qual o fiel participa dos atos e ao dirigir-se ao lugar sagrado estabelece rituais que se expressam em configurações simbólicas e que segundo Rosendahl (1996), são expressas pela maneira que o devoto encontra para concretizar o seu imaginário, o qual só pode ser inteiramente entendido através do relato do crente que efetivou o ritual.

A organização dos lugares sagrados é estabelecida pelas formas que singularizam e também pelos ritos que são ordenados em um complexo de operações simbólicas. A fronteira que delimita o sagrado anuncia o lugar da adoração e onde se efetua o rito, é também o encontro entre o homem e os seus deuses. O lugar sagrado é um mundo pleno de significados, sendo também um espaço mítico que responde com sentimento e imaginação às necessidades humanas fundamentais. Na concepção de Tuan (1983, p. 112) “o espaço mítico é um constructo intelectual que difere dos espaços concebidos pragmática e cientificamente no sentido que ignora a lógica da exclusão e da contradição.” Os significados que irão compor o espaço sagrado são representados pelos ritos, cabendo à religião cumprir o papel de ligar o homem à divindade. Aliás, o termo “religião” origina-se do latim *religio*, formado pelo prefixo *re* (novamente) e o verbo *ligare* (unir). Assim sendo, na perspectiva de Tuan, existe uma ligação emocional que é criada e mantida através da edificação dos lugares sagrados.

Tuan nos mostra essa delimitação do sagrado e do profano sugerindo as noções de espaço horizontal, representado pelo espaço vivencial, secular e o espaço vertical, significando algo mais que uma dimensão do espaço, ou seja, a transcendentalidade. Ele mostra que a natureza humana é polarizada e que o homem desempenha dois papéis fundamentais: o mítico-sagrado e o social profano, Tuan exemplifica essa polaridade citando o povo boxímiano que vive no Sul do continente africano.

Conforme Tuan:

O espaço horizontal, o espaço vivencial do boxímiano, é pobre em recursos e limitado em tamanho. Estas limitações geográficas, no entanto, são compensadas pela espaciosidade vertical do mundo boxímiano. Ele olha para o céu. Embora tenha que procurar quase diariamente por alimentos e obrigados a olhar o chão em busca de raízes comestíveis e de pegadas de animais feridos, os corpos celestes continuam sendo uma parte de seu mundo. (TUAN, 1980, p. 149)

A imaginação criadora estimulou o homem a desenvolver um sentimento religioso,

favorecendo a busca incessante pelo sagrado e pela experiência religiosa. A tentativa de captar o sagrado desde as primeiras manifestações pelas quais ele usou a imaginação criadora é classificada por Mircea Eliade (1993) como um período da vida religiosa que ele denominou como etnográfico. A ideia de reproduzir nas paredes das cavernas, elementos como símbolos, ideogramas, mitos cosmogônicos, entre outros, expressam uma série de sinais, objetos e locais que evocam, marcam e definem o encontro, a manifestação do sagrado, a hierofania que atesta a experiência religiosa.

As relações entre a identidade religiosa e o espaço geográfico são explícitas conforme Rosendahl (2008) por meio de lugares sagrados, marcas e matrizes identitárias. É no lugar sagrado, que podemos observar como o devoto expressa seus sentimentos, sua identidade, sua fé. Considerando que a religião é um dos principais constructos para a definição de identidades simbólicas, existem determinados lugares que a religião adquire uma dimensão importante. As expressões simbólicas manifestadas através da vida social, sob todos os seus aspectos e em todos os momentos da história, somente serão possíveis, graças a um vasto simbolismo (DURKHEIM, 1996, p.242). As formas materiais e imateriais do sagrado, associadas às representações sociais que os indivíduos estabelecem para o lugar sagrado, elencam um cenário que se identifica com o indivíduo ao vivenciar um determinado lugar sagrado. O lugar sagrado exerceria, portanto, uma força distinta que atrai o homem religioso. O lugar sagrado vai ainda mais além; ele é capaz de estabelecer conexões com a prática social econômica.

O lugar sagrado também assume uma importância singular quando se insere no domínio das relações emocionais estabelecidas entre os indivíduos e os lugares. Estes laços afetivos, definido por Tuan (1980, p. 106) como *topofilia*, em um sentido mais amplo, envolve os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, que podem compreender as experiências pessoais, as percepções, as atitudes, os valores e as cosmovisões que impregnam essa relação dos indivíduos com determinadas parcelas do espaço geográfico. Entretanto para Tuan (op. cit, p. 107) “mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com o lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio para ganhar a vida”. Assim, a tentativa de perceber os lugares sagrados compreende não apenas ver suas formas exteriores, mas a prática de exercícios imaginativos que determinam novas orientações a cerca desses lugares. Trata-se, portanto, de

uma construção na qual o sujeito busca uma objetivação do sagrado e que é representada simbolicamente.

A relação entre o lugar sagrado e o símbolo é manifestada por Santos (2009) ao salientar que os significados conferidos aos lugares sagrados são avaliados a partir de experiências individuais. Os símbolos inerentes aos lugares sagrados podem ser ainda considerados como manifestações da espiritualidade (ANDREOTTI, 2007). Os indivíduos que deles participam, através de rituais e outras manifestações são impregnados por uma espiritualidade religiosa ou qualquer outra forma de transcendência que se revela por seus valores, representações e identidades.

As manifestações simbólicas efetuadas nos lugares sagrados sinalizam para o surgimento de uma Geografia mística. Rosendahl (2008, p. 78) admite que uma vivência da fé no lugar, em termos geográficos, deve ser analisada em sua dimensão espaço-tempo, ressaltando ainda que essas duas dimensões estejam impregnadas de simbolismos construídos, reivindicados e operados por uma comunidade religiosa. Esses simbolismos caracterizariam uma “Geografia de misticismo”, estando os lugares sagrados imbuídos de simbolismos que corresponderia às práticas de culto religioso ou mágico efetuados nesses lugares. A construção dos lugares sagrados exigiria, portanto, uma consagração do espaço e segundo Eliade (1993), a organização de um espaço sagrado implica uma transfiguração análoga do espaço profano.

Os lugares sagrados exprimem o simbolismo e podem ser definidos pela relação direta entre o indivíduo com sua fé. Vivenciar o seu lugar sagrado é partilhar experiências que se vinculam às formas simbólicas, aos itinerários devocionais, aos nomes, entre outros elementos que sugerem um microcosmo para aquele que o vivencia. A organização espacial do lugar traz à tona um ordenamento de singularidades que na análise geográfica ratifica as dimensões oriundas de um imaginário de representações calcadas nas dimensões sociais, econômicas e simbólicas. Religião, fé e crença, tudo isso diz respeito a uma estreita relação do homem com o espiritual, ou mesmo uma mistura de espiritualidade, moralidade e filosofia. Os lugares sagrados assumem, portanto, um significado particular projetado pelo fato religioso que fornece uma visão de interpretação do mundo, um sistema simbólico provido de sentido, de esperança, de valores e identidade que permeia o espaço e dá a ele a



“cara” do povo que o constrói.

Embora no livro de Tombo da Ordem Terceira e do Convento (s/d) encontremos diversos registros da existência de altares destinados a Bom Jesus dos Navegantes e que todos estes registros sejam anteriores a 1884 não encontramos menção que trate da existência de uma festa ou celebração a Bom Jesus dos Navegantes. Somente no ano de 1884, com a cisma entre os fieis e os Franciscanos Conventuais, é que o penedense Antônio Peixe Boi solicita a confecção da uma imagem de Bom Jesus dos Navegantes ao Mestre Santeiro Cesário Procópio. Após a confecção da imagem do santo ela foi alocada na Capela de Santa Cruz; local onde havia um centro de culto afro. Tal ação traz a marca perversa da perseguição aos cultos afros e, por outro lado, dá início a festa.

**Figura 03** – Convento Nossa Senhora dos Anjos – Festa de Bom Jesus dos Navegantes(s/d)



Fonte: Arquivo Casa do Penedo.

Celebrada pelos moradores da Vila do Penedo, desde sua primeira edição, sempre aos segundos domingos do mês de janeiro de cada ano, após o tríduo festivo em louvor e agradecimento ao santo, na tarde do domingo se realiza o momento mais esperado da festa: a procissão terrestre e fluvial. É também o momento de demarcar o território da fé católica pelas ruas de Penedo; mostrar a força da igreja e definitivamente “fincar bandeira” de modo a mostrar aos Frades conventuais que a festa era do povo e que continuaria a ser celebrada do jeito do povo.

Estrategicamente usada pela Igreja Católica como marca simbólica da sua presença e poder, a procissão com a estátua do Bom Jesus passou a chamar a atenção de políticos e fieis

de todo o Baixo São Francisco. Logo ganha corpo e se firma como ato maior da fé católica na região.

A palavra *procissão*, originária do latim *processione*, significa “marchar para frente”. Designa um ritual religioso cujo objetivo é expressar pública e coletivamente um culto à divindade a qual se destina, é existente desde a antiguidade, entre os pagãos, contudo teve seu apogeu, como ritual cristão, na Idade Média, as de maior importância se deram na Península Ibérica, quando era planejada como grande acontecimento religioso social, com rituais próprios e participação em massa de fieis (Andrade, 2009).

O ato de sair em procissão possui um significado simbólico que é o de caminhar como um sentido de cortejo, geralmente possui um santo patrono e se configura com um caminhar curto em relação a distancia a ser percorrida. Acontece geralmente em torno de um templo, ou pela cidade e representa uma ida, uma caminhada que busca, seja pela devoção seja pela penitência, o diálogo com o sagrado. A procissão passa então a ser uma forma de estabelecer a relação entre o tempo velho do pecado e o novo da possibilidade de encontrar o sagrado através da devoção e da “nova vida” que se apresenta. Ela pode aí estabelecer para aquele que crê uma espécie de fenda que levaria o fiel a transformar-se à medida que busca a santificação pela penitencia do caminhar.

A procissão é uma expressão materializada da linguagem religiosa da experiência autêntica. O caminhar se caracteriza por diversos significados, dados por aqueles que o manifestam, ele é pessoal (mesmo que realizado coletivamente), experiencial, simbólico, manifestação de fé e de crença em algo, pode ser lido como passagem, como ato devocional (Rosendahl, 2002), como penitencial, até como forma de prolongamento da vida litúrgica da Igreja (CIC – Catecismo da Igreja Católica, 2002, p. 115).

Essa crença simbólica possui e desempenha um papel considerável na vida do homem religioso e na vida religiosa da humanidade, é graças a ele que o mundo se revela à transcendência, é ele que torna o *Mundo Metafísico* compreensível, é assim que Deus cria forma e força, e que o fiel se aproxima de seu Criador. Segundo Eliade, (1992, p.60). “Aquele que se eleva subindo a escadaria de um santuário, ou a escada ritual que conduz ao Céu, deixa então de ser homem: de uma maneira ou de outra passa a fazer parte da condição

divina”

Contudo nos interessa aqui demonstrar como esse ato de manifestação pública da fé se caracterizou como forma de apropriação do espaço, levando em consideração o espaço não usual – o público, e como representação coletiva da religiosidade popular, sobretudo, na cidade de Penedo.

Desde a época da colonização aos dias de hoje, essa prática conota ao lugar, por ocasião da manifestação, uma sacralidade, mesmo que temporária, dando um novo significado e (re) ordenando o modo pelo qual o religioso devoto, se vê no mundo e manifesta sua crença. Contudo a formação religiosa em Penedo; sua religiosidade e suas manifestações estão inseridas no contexto da formação do Brasil, a formação de seus territórios e a difusão espacial do catolicismo.

### **2.3 Entre o Sagrado e o Profano**

Vera Irene Jurkevics, no artigo intitulado Festas Religiosas: Materialidade da Fé destaca:

O maior evento religioso do Estado de Alagoas ocorre anualmente em Penedo, na segunda quinzena de janeiro”. Trata-se da tradicional procissão fluvial de Bom Jesus dos Navegantes, que chega a contar com 100 mil pessoas que participam do cortejo pelas águas do “Velho Chico”. (JURKEVIC, 2005, p.78).

Diante da grande ocorrência de festividades realizadas em território brasileiro, surgem diferentes visões em torno do conceito de festas. Para Amaral (1998), é necessário que se fuja da visão do senso comum que associa festa à alienação, displicência, tendência ao descaso com a lei e a ordem, principalmente quando se referem a festas de grande porte em termos de aglomeração de pessoas, como se estas significassem uma desordem absoluta, ou seja, uma perspectiva negativa nas comemorações festivas. É preciso trazer à tona uma breve explanação das diferentes visões sobre as festas em geral e o próprio conceito que optamos por trabalhar.

Inicialmente tratamos dos estudos de Amaral (*op.cit*) sobre a festa como objeto das ciências sociais e, a primeira questão que surge, de acordo com essa autora, diz respeito ao problema relacionado à bibliografia sobre o tema. Segundo Amaral, há uma vasta quantidade de trabalhos sobre festividades de todos os tipos, mas em geral, essas pesquisas descrevem um evento específico em si e geralmente não se preocupam em registrar o que acontece fora

dele, ou seja, os motivos que impulsionam determinados festejos: os contextos culturais, políticos e econômicos em que eles se realizam. Além disso, a autora destaca a escassez de reflexões teóricas sobre as festas, que na maioria das vezes aparecem inseridas nos estudos sobre rituais e religião.

Diante dessas indefinições, surge a pergunta. O que é festa? Consultando o dicionário Aurélio Buarque de Holanda, encontramos a seguinte definição: solenidade, comemoração, cerimônia em regozijo por qualquer fato ou data; alegria, júbilo; brinde, presente (por ocasião do Natal); fazer festas, procurar agradar, fazer carícias. Tal definição nos leva a perceber que a festa pode estar ligada tanto às comemorações profanas quanto às sagradas.

Dessa maneira entendemos que o ato de festejar só tem sentido quando representa algo nosso, e que nos remeta, sobretudo, à ideia de prazer, de satisfação, ainda que regras sejam quebradas para a criação de uma nova ordem. Significa assim, que existe uma ordem a ser seguida na realização de um festejo, diríamos que uma segunda ordem diferenciada das normas sociais pré-determinadas.

A festa caracteriza-se pela relação entre atores e espectadores e faz de todos, ao mesmo tempo, um ator total. Nesse sentido, a festa supõe inversão de papéis, transgressão à hierarquia e a todos os papéis do mundo profano. Ela sugere a participação coletiva até o êxtase, a partir de uma nova ordem que emerge dentro da vida cotidiana.

Desta forma a espacialização da relação sagrado X profano nem sempre é produzida por pessoa que desempenha um papel religioso especializado e dotado de competência pela igreja; há na Festa de Bom Jesus dos Navegantes em Penedo/AL, esta espacialização determinada por figuras ditas profanas, como os donos de bares, parques de diversões, ambulantes e muitos outros delimitadores que constituem um emaranhado de relações, por coexistirem construindo assim, a cada ano, uma nova dinâmica para a festa.

Trazemos a discussão ainda, alguns autores e suas diferentes visões acerca do conceito de festa. Uns creditam que a festa seja um mecanismo de "regulação social" através do lazer, outros na festa como uma ruptura da ordem, inversão de papéis, ou seja, para uns a festa propicia o restabelecimento da ordem, para outros a negação dela. A obra de Émile Durkheim, *As formas elementares de vida religiosa* (1912), apresenta as relações entre ritual e festa e é a base para os estudos que surgem no segmento festa. Para o sociólogo francês as festas são importantes para reavivar os laços sociais, e como bem coloca Rita Amaral

(op.cit), quanto mais festas uma sociedade realiza, mais esses laços sociais terão chances de não se dissolverem. Assim, Durkheim traz como principais características de todo tipo de festa: a superação das distâncias entre os indivíduos; a produção de um estado de efervescência coletiva; e a transgressão das normas coletivas.

Amaral *B)* considera a utilidade da festa para uma sociedade, visto que para encarar a vida séria do dia a dia o homem necessita de momentos de descontração, assim: “[...] divertimento é coisa séria, e pode ser entendido até mesmo como segunda finalidade do trabalho, vindo logo após a necessidade de sobrevivência” (AMARAL, 1998, p.27). Essa visão de Durkheim, compartilhada por Amaral, vai de encontro à de muitos autores que vêm o ato de festejar como algo sem utilidade, sem um objetivo que o justifique; optamos pelas considerações de Amaral.

Como colocado Duvignaud (1976), os atores participam diretamente da festa organizada para os espectadores e, estes últimos, são participantes indiretos do evento ao qual eles atribuem, entretanto, uma dada significação e pela qual são mais ou menos afetados. A partir daí podemos diferenciar festa de espetáculo e de cerimônia e situa-la no tempo e espaço.

O tempo da festa aparece como outro critério classificatório de maneira que, durante a realização da festa, quanto mais relações se formam, (sejam elas religiosas, lúdicas, profanas ou econômicas), mais podemos diferenciá-la de uma simples cerimônia. Entretanto, o fundamental é que tanto os atores quanto os espectadores são conscientes da existência de regras. Diante das visões dispostas acima, passaremos a tratar da festa do Bom Jesus dos Navegantes, no contexto do município de Penedo no estado de Alagoas; independente do seu caráter religioso ou profano. Para uma maior compreensão utilizaremos da dimensão trazida por Amaral (1998): a festa como elemento de mediação cultural; elemento turístico; elemento econômico e a organização política local e o uso da festa.

Uma festa religiosa sugere sempre como pano de fundo para sua intenção de apropriação a criação de um território; conforme sinaliza Bonjardim e Vargas (2010) vejamos que:

Ao iniciar a ocupação do Brasil, além das leis e regras do rei de Portugal que acompanharam a colonização, as leis e regras da Igreja Católica também foram implantadas. Por isso, ao mesmo tempo em que foi construído o poder do Estado, foi construído o poder de ‘Deus’, na figura de seus representantes na terra: os padres, bispos, missionários de várias ordens. (BONJARDIM e VARGAS, 2010, p. 47).

E, dentre as dimensões que uma festa alcança e as paisagens que pode revelar, escolhemos analisar a organização política local e o uso da festa, ou seja, os modos pelos quais o poder instituído tenta fazer uso da festa em seu favor. Para fundamentar e exemplificar nossa escolha decidimos avaliar essa dimensão no contexto específico do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL. A escolha por essa dimensão se deu principalmente pela percepção empírica de que o Governo Municipal e a Igreja Católica, muitas vezes tentam fazer dessa festa um produto turístico vinculado a ganhos econômicos e visibilidade favorável ao governo e à Igreja, criando territorialidades.

Entendemos que o uso político da festa possa transformá-la em uma estrutura mais organizada, submetida a regras que muitas vezes interferem no caráter espontâneo e lúdico que deve existir numa manifestação festiva popular e coletiva. Por outro lado, a adoção de estratégias que regulamentem a festa se torna necessária à medida que ela se transforma em um evento de massas, que sem a regulação pode ser sinônimo de desordem total.

Desse modo analisaremos a construção dos arranjos da festa através da relação do sagrado por meio das representações simbólicas e sua relação binária com o profano. Analisaremos ainda o uso da Festa do Bom Jesus dos Navegantes como espetáculo e produto turístico pela Igreja Católica e Governo Municipal, a fim de buscar visibilidade religiosa e econômica.

Como exposto o conceito de sagrado foi preciso recorrer aos estudos recentes em que o termo *hierofania* é utilizado por ELIADE (1992). O sagrado pode ser um espaço, um território, já a manifestação pode ser um objeto, um símbolo, uma ação. Além disso, analisar concretamente o território sagrado significa entendê-lo como um produto da história da sociedade em constante modificação, espaços de poder apropriados efetiva ou afetivamente por determinado grupo social que se modifica e modifica suas práticas, mas perpetuam a *hierofania* do território.

O “lugar” foi apreendido pelas ideias semelhantes que os fenomenologistas chamam de “mundo” e os geógrafos humanistas denominam “lugar”.

Segundo TUAN (1965) o mundo é um campo de relações estruturado a partir da polaridade entre o eu e o outro, ele é o reino onde a história acontece, onde encontramos as

coisas, os outros e a nós mesmos, e este ponto de vista deve ser apropriado pela Geografia:

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. (TUAN, 1975, 87)

Com essas colocações pode-se concluir que o conteúdo dos lugares é o mesmo conteúdo do “mundo”: ambos são produzidos pela consciência humana e por sua relação subjetiva com as coisas e os outros. A Geografia estuda os lugares sob duas óticas: a do lugar como localização e a do lugar como um artefato único.

Como localização, diz ele:

[...] o lugar é uma unidade entre outras unidades ligadas pela rede de circulação; [...] o lugar, no entanto, tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, 1979, p. 387).

A preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto uma experiência que se refere, essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos.

Deste modo o lugar se diferencia de paisagem, pois falta a esta a estabilidade, ela se altera a cada mudança de perspectiva; enquanto que o lugar possui uma existência estável (TUAN, 1979), é a experiência individual ou coletiva, que torna os lugares visíveis (TUAN, 1975). Uma boa maneira de se esclarecer este ponto é recorrendo a uma definição de TUAN (1978a), segundo a qual "o espaço não é uma ideia, mas um conjunto complexo de ideias. [...] o lugar é um espaço estruturado". Ou seja, o lugar é necessariamente constituído a partir da experiência que temos do mundo (TUAN, 1975).

O sentido do lugar também seria “[...] demonstrado quando as pessoas aplicam seu discernimento moral e estético aos sítios e localizações” (TUAN, 1979, p. 410). Mas, para que se constituam efetivamente em lugares é necessário um longo tempo de residência e um profundo envolvimento emocional com o espaço.

Duas outras características dos lugares foram destacadas por diversos autores: a identidade e a estabilidade.

A identidade refere-se ao espírito, ao sentido, ao gênio do lugar. “Estas ligações, que se iniciam com o nosso nascimento e se aprofundam com a experiência, implicam em um conhecimento detalhado do lugar, e na constituição de raízes, de um centro de significados que se torne insubstituível” (TUAN, 1983).

A estabilidade, assim como a convivência temporal prolongada, seria um fator fundamental na constituição dos lugares:

Uma cena pode ser um lugar, mas a cena em si não é um lugar. Falta-lhe estabilidade: é da natureza da cena mudar a cada mudança de perspectiva. A cena é definida por esta perspectiva, o que não é verdadeiro para o lugar: é da natureza do lugar aparecer como tendo uma existência estável, independente de quem o percebe. (TUAN, 1979, p. 411)

A estabilidade nos leva a relacionar tempo e lugar. Em diversas passagens, TUAN (1978a; 1983) afirma que o lugar é pausa no movimento. Isso não diz, no entanto que o lugar esteja além da história, ou seja, atemporal, significa sim, que o lugar denota a relação inseparável entre espaço e tempo: a pausa, ao permitir a localização, transforma-se em um polo estruturador do espaço, isso implica no estabelecimento de uma "distância", sendo este um conceito, ao mesmo tempo, temporal e espacial.

Assim, na Festa de Bom Jesus dos Navegantes, descobre-se o lugar atemporal, repleto de sensações, de identidades e sua complexidade faz a cada ano um festejo novo para os velhos e novos festejantes. No campo da religião Rosendahl (2012, p.50-1) apresenta o conceito de *territorialidade religiosa*, sendo “o conjunto de práticas desenvolvido por uma Instituição ou grupo social no sentido de controlar determinado território religioso, em que o efeito do poder do sagrado reflete uma identidade de fé e um sentimento de propriedade mútuo”.

Na cidade de Penedo foi através das práticas devocionais que se favorecia o controle religioso; era uma espécie de estratégia político-religiosa para o processo de gestão das terras colonizadas. Tal fato é comprovado, segundo o livro do Tombo da Ordem Terceira(s/d), pelo imediato recebimento por parte dos Franciscanos de um terreno para a construção da Igreja conventual, como forma de difusão espacial e constituição de territórios eram fomentadas práticas do culto religioso da igreja católica por toda a margem do Rio São Francisco. Como a falta de padres era uma realidade na época; urgia a necessidade do fomento ao culto e a devoção popular. O Rio São Francisco surge então como elo de ligação entre o homem e o



sagrado. A fartura na pesca surgiria como retorno das práticas religiosas e como o “olhar” do Deus que reconhecia a fé do povo ribeirinho.

A partir dessa conjuntura, como aponta Rosendahl: “A estratégia da Igreja Católica visava garantir a apropriação de um amplo território. Amplo, mas vazio, no qual se estabelece um catolicismo popular que passa a fazer parte da cultura brasileira.” (ROSENDAHL, 2012, p.66).

Dentro desse contexto é que surge a devoção ao Bom Jesus dos Navegantes de forma mais pessoal e a íntima relação do ribeirinho religioso com o sagrado, a religião, agora popular, passa a ser, de forma mais particular, regida e adaptada pelo povo.

De acordo com Ribeiro de Oliveira, citado por Rosendahl:

o catolicismo popular tradicional nutria a vida dos homens e mulheres do campo, no seu cotidiano e nos eventos extraordinários, e mantém-se vivo ainda hoje porque é importante para a reprodução das relações sociais como os laços de parentesco e de vizinhança, essenciais à existência das classes populares nas zonas rurais e nas periferias urbanas (ROSENDAHL apud OLIVEIRA, 2005, p.9).

Essa relação do homem com o sagrado passa a ser particular, sem a intervenção institucional. Após participar da procissão do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo; ribeirinhos de todo baixo São Francisco passam a, de certa forma, se apropriar da manifestação popular de fé. Essa manifestação reflete não só a sociabilidade de um grupo – os ribeirinhos – como também suas realidades sociais, manifestações coletivas que exprimem angústia, a solidão, a crença, a esperança, os anseios e os receios proporcionados pelo abandono de uma Igreja elitizada e distante e pela colonização de exploração que se via na região.

É na religião que o povo encontra voz, refúgio e consolo, ou como afirma Lemos, “sentido para a vida na experiência do sagrado, e é nele também que encontram explicações para seus sucessos e/ou fracassos”, (OLIVEIRA, 2011, p.256).

Essa religiosidade popular que se difundia ao longo do território do baixo São Francisco com novenas, procissões e cultos domésticos ao Bom Jesus dos Navegantes, embora possa parecer um desmembramento da religião oficial, por ser uma adaptação “popular” da mesma, é reconhecida pela Igreja oficial como forma de prolongamento da vida litúrgica da Igreja. Essas expressões prolongam a vida litúrgica da Igreja, mas não a substituem. Logo, a própria igreja católica ao longo do baixo São Francisco trata de compor

uma espécie de calendário para que, sem concorrer, todas as populações de ribeirinhos pudessem celebrar o Bom Jesus dos Navegantes. Temos assim a procissão como ato maior de territorialidade da fé católica ao longo das margens do São Francisco, em Alagoas e Sergipe.

### **3 – OS TEMPOS E ESPAÇOS DA FESTA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES DE PENEDO/AL**

#### **3.1 – O Arranjo Sagrado**

Embora o espaço das cidades seja público e, conforme aponta a constituição de 1988, também laico, acentuam-se, no final do século XX, as discussões acerca do uso dos espaços pelas religiões bem como da interpretação do fenômeno religioso juntamente com suas implicações na relação homem e território; contextualiza-se assim o sagrado e o profano no meio social. O *Tempo Sagrado* é quando há a manifestação do sagrado, sempre como uma realidade diferente das realidades cotidianas e isso afeta o homem religioso, daí a percepção e a necessidade de um tempo e um espaço, diferenciados e heterogêneos, mesmo que vivido sem a percepção dessa contínua movimentação entre um e outro. Os ritos servem como ponte para o homem religioso entre os tempos (sagrado e profano). Para o homem religioso, a duração temporal secular pode ser “parada” periodicamente, por meio dos ritos do tempo sagrado. Para o religioso aqui estudado, o Católico, o tempo que tem vida é o *tempo litúrgico*, calendário da Igreja católica que se desenrola pautado na existência histórica de Jesus Cristo. Nele contém as datas dos acontecimentos da *História da Salvação*<sup>2</sup>. A liturgia cristã desenvolve-se num tempo histórico santificado pela encarnação de Jesus Cristo, o Filho de Deus:

O Tempo sagrado, periodicamente reatualizado [...] é um Tempo mítico, quer dizer, um Tempo primordial, não identificável no passado histórico, um Tempo original, no sentido de que brotou “de repente”, de que não foi precedido por um outro Tempo, pois nenhum Tempo podia existir antes da aparição da realidade narrada pelo mito. (ELAIDE, 1994, p.40)

Assim o ano litúrgico, que caracteriza o tempo sagrado, revive anualmente todo o “segredo da salvação”. É o Calendário que rege a Igreja, mesmo não coincidindo com o calendário civil. Algumas festas religiosas comemoradas nesse calendário fazem parte do

calendário civil como feriado religioso/nacional, a exemplo tem-se a semana santa, natal e os santos padroeiros.

O tempo sagrado é o tempo da Igreja. É para ela o período mais significativo porque esse é o tempo que revela o sobrenatural, é o tempo cuja proximidade com o Deus se faz presente. Conforme nos mostra Eliade:

Participar religiosamente de uma festa implica a saída da duração temporal ‘ordinária’ e a reintegração no Tempo mítico reatualizado pela própria festa. Por consequência, o Tempo sagrado é indefinidamente recuperável, indefinidamente repetível. [...] É um tempo ontológico por excelência, ‘parmenidiano’: mantém-se sempre igual a si mesmo, não muda nem se esgota. A cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo sagrado – aquele que se manifestara na festa do ano precedente ou na festa de há um século [...] reatualizadas pela festa. (EIAIDE, 2004, p.38)

Na região do Baixo São Francisco e, sobretudo em Penedo é esse comportamento, em relação a um tempo específico, além do tempo ordinário, que distingue o religioso, o devoto de Bom Jesus dos Navegantes. Ele estrutura a vida graças a esse “ciclo litúrgico” de festividade e celebrações culturais. O que difere o Tempo Religioso do Tempo Profano são as festas. Mas é importante enfatizar que a festa não é a comemoração de um acontecimento mítico, ela é a atualização do acontecimento. “São as reatualizações periódicas dos gestos divinos, numa palavra, as festas religiosas, que voltam a ensinar aos homens a sacralidade dos modelos.” (EIAIDE, 1992, p.46).

Para o religioso é o tempo sagrado que dá sentido ao dia-a-dia, a vida cotidiana, “é o eterno presente do acontecimento mítico que torna possível a duração profana dos eventos históricos” (EIAIDE, 1992, p.47). É assim que o cristão católico vive na presença do sagrado, repetindo seus ritos, vivendo como crê, é assim que o mundo é santificado; que o Rio São Francisco é revitalizado pela fé e assim a vida encontra sentido. O religioso possui muitas formas de se manifestar. Os ritos são o caminho para isso. É válido lembrar que quando cito o religioso não me limito ao individual, a “um devoto religioso”, a vida religiosa não se revela no individualismo ela é sempre coletiva, assim ela é passível de análise de um grupo específico. Os ritos expressam o ritmo da vida. Por intermédio desse simbolismo com um tempo mítico, o céu, o Deus, o sobrenatural em geral se mantém presente na vida religiosa e na vida secular, são eles que constituem a imagem da transcendência. São eles que reforçam a identidade cultural do povo ribeirinho e sua maneira de se apropriar da Festa de Bom Jesus dos Navegantes.

### Segundo Durkheim e Segalen:

Os ritos tem por finalidade reunir o presente ao passado, o indivíduo a comunidade: ‘A função de um rito não corresponde aos efeitos particulares e definidos que ele parece visar e pelos quais costuma caracterizar-se, mas a uma ação geral que, permanecendo sempre e por toda parte semelhante a ela mesma é, no entanto capaz de assumir formas diferentes de acordo com as circunstancias. (DURKHEIM, 1912, p.552) [...] um rito produz estados mentais coletivos suscitados pelo fato de um grupo estar reunido. ‘O essencial é que haja indivíduos reunidos, que sentimentos comuns sejam experimentados e expressos em atos comuns. Tudo nos leva então a mesma ideia: os ritos são, antes de tudo, os meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente. (SEGALEN, 2002, p.23-4)

Neste contexto o espaço sagrado da Festa do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo /AL, caracteriza-se como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele que transcorre em sua existência. Para Eliade (1992) a manifestação do Sagrado se dá por meio de *hierofania*, para o autor, “aqueles que têm uma experiência religiosa toda natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica. O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma *hierofania*” (Eliade, 1992, p.9), o espaço sagrado é o resultado de uma manifestação do sagrado, distinto a ele temos o espaço profano que se constitui pelo espaço ao “redor” do espaço sagrado. Em relação ao espaço profano aplicam-se as interdições aos objetos e coisas que estão vinculadas ao sagrado, numa realidade diferenciada da realidade sagrada (Rosendahl, 2002).

É válido dizer que essas apreensões e distinções entre espaços e tempo sagrados não são tão nítidas assim pelos que a vivenciam, muito menos fixas, elas acontecem simultaneamente e são aqui utilizadas como categorias teóricas para auxiliar na interpretação dos fenômenos. É a ação do homem que qualifica o espaço em sagrado e profano, como uma espécie de sacralização do mundo. Para Eliade essa metafísica do lugar sagrado se faz menos complexa pela instituição da separação entre os espaços. A partir do momento que a religião passa a utilizar o espaço fora do templo, é dada a esse espaço uma conotação própria, pessoal. A rua, a praça, qualquer que seja o espaço recebe uma reinterpretação com possibilidade de valores de sacralidade, exemplo disso são as procissões. O espaço público torna-se um mosaico de relações, onde “é redefinido em função da aproximação em relação ao sagrado” (GONÇALVES e CONTINS, 2008, p.9). A programação religiosa da festa realizada no ano de dois mil e catorze (Apêndice D), demonstra como os espaços “banais” passam a ser utilizados pela igreja, tornando-os sagrados, míticos e por vezes referenciando-

os como centro do mundo.

A procissão é o ponto alto da festa; que é a materialização do estado *liminar*, o lugar paradoxal onde há a comunicação entre os mundos, religioso e profano, uma espécie de passagem entre eles. O religioso não mais está integrado na sociedade, apesar de utilizá-la espacialmente, mas a caminho, outro estágio, seja esse de afirmação como religioso ou de busca pelo transcendente.

As manifestações religiosas na Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo, principalmente a procissão (Figuras 04 e 05) marcam no meio social uma ruptura do cotidiano a partir do momento que a cidade e as ruas passam a ser um suporte para a manifestação dessas *hierofanias*. O sagrado não mais se limita ao templo. A intervenção do espaço distinto, se caracteriza sobre a forma normativa do religioso, o processo de espacialização do fenômeno religioso é colocado em movimento pela ação das pessoas envolvidas, como uma *hierocracia* tal qual descrita por Rosendahl (2005), ou seja, o poder do sagrado, que se manifesta espacialmente por uma organização territorial, reconhecendo assim a instituição religiosa como agente modelar do espaço. A proximidade do andor e o acesso aos barcos demonstram a hierocracia na Festa de Bom Jesus dos Navegantes.

**Figura 04** – Procissão Terrestre – 1964



Fonte: Arquivo Casa do Penedo.

**Figura 05** - Procissão Fluvial – 1964



Fonte: Arquivo Casa do Penedo

O espaço, para o religioso, é marcado pela forma como ele busca explicar sua vida, ele faz do meio urbano, durante as festas, uma prolongação do espaço sagrado.

Observando esse caminhar dos indivíduos em determinados momentos de suas existências, ou seja, posições diferentes com relação ao sagrado e ao profano, compreendemos o ato da procissão como uma espécie de *marcação do sagrado* como uma fase de transição entre o sagrado e o profano, a saída do temporal com a ida ao espiritual e seu retorno ao primeiro. A procissão pode ser classificada, segundo a noção de Turner (1974), como um *Rito de Passagem*, um ritual de distanciamento do indivíduo da sua estrutura social e, depois, um retorno, com novo status.

Quando o campo estudado é o da religião é necessário lembrar que ele se caracteriza como *mundo ritual*, ou seja, uma concepção e visão de mundo portadora de uma característica particular que organiza, dá sentido e significado para o religioso, é o mundo ritual que legitima suas ações, ele é ordenador de códigos e linguagens que são, para o religioso, interpretativas. Logo, partir da ótica que analisamos, na Festa do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, onde se mistura fé e ocupação do espaço público, as manifestações religiosas, tanto no espaço quanto no tempo são uma expressão de territorialidade da fé católica em todo seu aparato performático, simbólico, artístico e midiático, que dialoga com o meio natural e com toda a sociedade e promove entre suas caracterizações tanto sagradas quanto profanas uma marca do povo ribeirinho.

As manifestações rituais além de romperem com o cotidiano; com o corriqueiro da vida social penedense, movimentam a coletividade; grupos se reúnem para celebrar, se reafirmando periodicamente. Devoções, festas e ritos têm a função primordial de sempre atualizar o tempo mítico religioso. As manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua atualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação, levando em consideração toda a estruturação de tradição inventada de Hobsbawn (1984, p.10), pois “há referência a um passado histórico (...) que se caracterizam por estabelecer com ele uma continuidade”. É possível então perceber dois tempos distintos que se intercalam o *Tempo Sagrado* e o *Tempo Profano*, assim também temos entre os *Espaços*, contudo o que parece constituir sistemas inteiramente heterogêneos e inteiramente dissociáveis, mas na verdade são sistemas capazes de promover diálogos. Devem-se entender os elementos do sagrado e do profano que marcam o festar de Bom Jesus dos Navegantes como fruto de uma relação e não como elementos opostos. A fronteira entre um e outro é, muitas vezes, quase imperceptível; verificamos isso ao observar a programação chamada de cultural pelos organizadores da festa nos anos de 1971 e 2014. (Apêndices E e F).

É válido ressaltar que a percepção/discussão de sagrado e profano só existe sob a ótica do mundo religioso, do campo ordenado do sagrado, logo, fora desse espaço simbólico do sagrado, o diálogo entre essas duas esferas não possui força nem validade, pois a partir de um mundo ordinário – que não seja simbólico – outra concepção de ordenamento é inviável, por isso, toda a discussão dessas duas assertivas sempre partirá da esfera do sagrado, do religioso (ELAIDE, 1992, 65).

O religioso possui uma vivência completamente ascética que se manifesta num espaço físico, ordinário, terrestre. É válido dizer que a concepção sobre esses espaços são de comunicação e não de mistura, eles cedem espaços entre si, mesmo que temporariamente. As relações entre as esferas não rígidas é nosso ponto de partida para tal argumento. É justamente quando esse sentido de fluidez se manifesta, pelo fato de percorrer as ruas, espaços públicos, onde a priori não deveria ocorrer o que Rosendahl afirma ser hierocracia, é que o sagrado e o profano não se excluem, mas se completam. Tudo se organiza no espaço sem concorrer conforme aponta as figuras 06 e 07, onde acontece à celebração da missa campal de um lado e durante o ato sagrado os equipamentos de diversão, ambulantes e bares

continuam a exercerem suas atividades.

**Figura 06 – Palco Sagrado**



Fonte: Guimarães, E.V.C.(2014) .

**Figura 07 –Vista do Palco Sagrado**



Fonte: Guimarães, E.V.C.(2014).

A festa do Bom Jesus dos Navegantes imprime uma nova dinâmica local durante sua realização, haja vista a forte ligação da população local e dos visitantes com os espaços sagrados e profanos. Esses espaços são construídos social e culturalmente ao longo dos tempos e a configuração destes espaços são representações ímpar de cada arranjo da festa. Em todo o tempo da festa o sagrado marca seu espaço pelas expressões de fé. Desde o surgimento do primeiro arranjo da festa até as edições atuais os fieis atribuem sentimentos aos símbolos, objetos e ritos; aos quais são atribuídos valores de ordem imaterial, não



explicáveis pela racionalidade, pois “[...] A manifestação do sagrado num objeto qualquer, uma árvore, uma pedra, ou uma pessoa implica em algo de misterioso, ligado a religião que não pertence ao nosso mundo” (ROSENDAHL, 1996, p. 27). O mapa do arranjo sagrado da Festa de Bom Jesus dos Navegantes de 2014 (Figura – 08) demonstra o percurso da procissão fluvial e terrestre.

**Figura 08** – Arranjo Sagrado da Festa de Bom Jesus dos Navegantes - Penedo/AL



Fonte: Guimarães, E.V.C.(2014) .

O espaço sagrado da Igreja de Santa Cruz, onde a imagem votiva permanece por todo o ano, durante o tempo festivo é demarcado por dois elementos fundamentais, o ponto fixo e o entorno no qual, os fiéis vivenciam suas práticas religiosas. No ponto fixo (Igreja) assistem-se os eventos religiosos, e a partir de seu entorno delimita-se para as atividades

sacro-profanas no qual acontecem vendas de variados objetos e produtos com o objetivo de angariar recursos para a igreja e para ambulantes particulares. O ultimo ato da festa religiosa, a missa dominical do Bom Jesus, ocorre fora do espaço da Igreja de Santa Cruz; no palco religioso.

Desta forma há o espaço para as novenas, procissões, para comercialização de produtos e para os folguedos sacro-profanos, artísticos e culturais da festa. A cidade também recebe devotos de municípios vizinhos, sobretudo dos estados de Alagoas e Sergipe que vem para participarem da festa que tem seu ápice com a Tradicional Procissão do Bom Jesus, na tarde do segundo domingo de janeiro, e que percorre as ruas do centro histórico e tem parte do seu percurso feita de barco pelas águas do Rio São Francisco. No percurso fluvial, todos os três portos da cidade de Penedo são visitados bem como os portos das cidades sergipanas de Neópolis e Santana do São Francisco. Ponto marcante dos festejos, a procissão de encerramento da festa com a imagem do santo Bom Jesus dos Navegantes é acompanhada pela população local, pelos filhos de Penedo que moram em outras cidades e neste período retornam a Penedo e visitantes de todo país. No festejo, como ocorre na maioria das festas religiosas, as pessoas pagam promessas e participam da procissão de encerramento da festa muitos deles descalços.

Caracterizada pela caminhada dos fiéis seguindo uma distribuição social relacionando as entidades eclesiásticas, políticas e em seguida os demais participantes da festa se torna importante para a cidade porque mobiliza e movimenta recursos financeiros, injeta dividendos na economia local e de maneira considerável a cidade aumenta suas funcionalidades para se adequar as necessidades do público alvo que vem participar da festa.

Na festa de Bom Jesus os penedenses se transformam; Penedo se transforma. Das casas ainda ornamentadas pelos enfeites natalinos surge a alegria de celebrar o Bom Jesus. As famílias aguardam seus parentes voltarem à cidade e juntos irem à beira do Velho Chico comemorar, mais um ano, o Senhor dos Navegantes. A cidade chega a triplicar a sua população nos dias do festejo. Com tantos visitantes na cidade a construção das variadas territorialidades no acontecer festivo fica evidente. Tais territorialidades apresentam uma dinâmica na sua mobilidade de alocação, característica esta mais visível dentro do arranjo profano, até pela diversidade cultural presente neste espaço. De modo diferenciado isso é vislumbrado no espaço sagrado no qual, cristalizam certas territorialidades criadas por

grupos sociais locais a partir da cultura, da identidade social percebida no acontecer da festa. Assim, a identidade territorial ligada ao aspecto do sagrado se faz pertinente e recorre aos construtos históricos de sua formação, pois: “[...] ela recorre a uma dimensão histórica do imaginário social [...] escolha, entre múltiplos eventos e lugares do passado, daqueles capazes de fazer sentido na atualidade” (HAESBAERT, 1999, p.180).

O território como base material molda a festa onde o simbólico faz parte das múltiplas territorialidades que se organizam em maneiras e funcionalidades diversas. É dado um enfoque cultural ao território, “priorizam dimensões simbólicas e mais subjetivas, [...] como produto da apropriação feita através do imaginário e/ou identidade social sobre o espaço (HAESBAERT, 2004, p.18). As territorialidades da festa surgem durante o evento, são produzidas considerando a perspectiva de tornar mais atraente esse momento vivido pela comunidade local e os visitantes. Tipicamente identificadas como “territorialidades flexíveis” (SOUZA, 2006, p. 87), pois o espaço é utilizado para outras atividades durante a festa, em dessa forma, percebemos como a alternância das territorialidades vai além. O território do entorno da igreja reconfigura-se para que novas nuances possam surgir, o que está próximo ao espaço sagrado passa a ser reconhecido como território da festa. Este território fragmenta-se em territorialidades que ganham forma e função de acordo com as intenções dos festeiros, agentes públicos e fieis. A fragmentação territorial inicia-se semanas antes do acontecer festivo, a igreja católica e o governo municipal se revezam nesta tarefa. É responsabilidade de ambos o desenvolvimento, a infraestrutura e a divulgação da festa.

### **3.2 – O Arranjo Profano**

O festar do Bom Jesus dos Navegantes no município de Penedo/AL começa a ser preparado desde o mês de dezembro, culturalmente no dia de Natal é erguido o mastro em homenagem ao santo. Ele é a primeira manifestação de *hierofonia* na festa e junto a este ato, começam as organizações do arranjo profano da festa. O espaço urbano começa a ser delimitado pela prefeitura para receber os ambulantes, bares, palcos e todos os demais equipamentos de lazer e diversão.

No primeiro domingo de janeiro, inicia-se a alvorada de fogos às seis horas da manhã. Tal ritual segue até o segundo domingo, sendo repetido com frequência maior nos três dias que antecedem o dia do Bom Jesus. A festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo

acontece tradicionalmente no período compreendido entre o primeiro e segundo domingo de janeiro de cada ano e consiste em vários eventos religiosos e promoções sociais tais como: alvoradas, folguedos, novenas, missas, bênçãos e a procissão.

Ao longo do tempo percebem-se certas modificações ocorridas no contexto sócio-espacial do acontecer festivo. Destacamos mudanças relacionadas tanto ao aspecto sagrado quanto profano.

Para entender o contexto festivo identificamos os aspectos principais do evento. Sejam estes sagrados e profanos e realizados no decorrer festivo. Assim, “[...] o espaço sagrado e o espaço profano estão sempre vinculados a um espaço social. A ordenação do espaço requer sua distribuição entre sagrado e profano: é o sagrado que delimita o profano” (ROSENDAHL, 1999, p.71). Durante a festa, os agentes que a organizam tecem uma complexa teia de espaços que embora relacionados em sua criação, são separados pela sua natureza; mas não distintos. Nesse sentido, são construídos vários espaços para a mesma festa, espaços que não são fixos, mas sim, criados e situados no entorno do templo e das celebrações sacras constituindo-se como um espaço profano não-fixo ligado ao espaço sagrado.

A criação das múltiplas territorialidades durante a festa permite o surgimento do espaço profano que é algo adverso ao apresentado no sagrado, conforme, Figura 09 “o sagrado e o profano se opõem e, ao mesmo tempo se atraem. Jamais, porém, se misturam”. (ROSENDAHL, 1996, p. 31). Isso explicita uma imbricação desses espaços, embora de natureza paradoxal, estes dão formas e modelam os territórios durante o período da festa.

**Figura 09** – Arranjo Profano da Festa de Bom Jesus dos Navegantes – Penedo/AL



Fonte: Guimarães, E.V.C.(2014) .

Durante o período da festa a cidade não é transformada, mas cria uma forma de intensa movimentação que não se percebe no dia a dia, porém Penedo se renova e valoriza seus espaços urbanos e também os espaços do comércio, que faz da festa um momento

especial para o negócio. O arranjo profano da festa do Bom Jesus ocupa vários espaços da cidade. Cada momento da festa é pensado e realizado em um determinado espaço.

O território penedense ganha uma nova montagem configuracional, ele rompe sua rotina normal para emanar temporariamente uma nova forma e assim conceber a festa de Bom Jesus dos Navegantes. Sendo assim: “Uma festa se desenrola sempre no tempo original. É justamente a reintegração desse tempo original e sagrado que diferencia o comportamento humano durante a festa daquele de antes ou depois”. (ELIADE, 1992, p. 46).

A determinação dos limites territoriais é feita por categorias para manter uma harmonia entre as territorialidades, o comércio de objetos religiosos – sacros – ficam nas proximidades da igreja. As barracas com outras variedades de objetos espalham-se pelas ruas que são interditadas ao fluxo de passagem de veículos. Há também a criação de polos de atividades que se dividem em Polo Cultural, Polo Religioso e Polo Artístico.

No polo cultural há a apresentação de folguedos diversos e artistas da terra. São apresentações de Pastoris, Marujadas, Guerreiros, Coco de Roda, Roda de Capoeira, Bonecos Gigantes, Oficinas diversas e os tradicionais artistas de rua da cidade com artes circenses e teatros diversos. No polo religioso acontecem as missas, novenas, bênçãos e celebrações diversas e, no polo artístico, também chamado de Palco Principal acontecem os shows das grandes bandas de renome nacional.

Vale ressaltar que o simples “rótulo” de palco principal já norteia os visitantes quanto ao que, para os agentes públicos, é o mais importante na festa. Quando da divisão do espaço de realização da festa, diga-se espaço público, há uma reunião entre os agentes municipais e os ambulantes para que se definam regras. Ao apropriar-se de um espaço cobram-se taxa de tributos que variam de acordo com o que se pretende comercializar, renda esta direcionada para a manutenção dos custos operacionais da festa.

O espaço urbano, centro do acontecer festivo, é previamente preparado para a festa; a iluminação pública é ainda incorporada à ornamentação natalina que permanece até o término da festa garantindo maior embelezamento do espaço. Tudo é reformado e limpo. Outras barracas são instaladas nos espaços onde ocorrem os eventos sociais voltados para o público em geral, patrocinados pela esfera administrativa do município. Tem-se então o momento mais esperado para aqueles agentes públicos que organizam a festa: A divulgação da programação artística – profana da festa é ilustrada no quadro 1.

**Quadro 01 - Programação Artística – Profana da Festa de Bom Jesus dos Navegantes 2014**

Quinta (09/01) Galã do Brega Asa de Aguiã Dorgival Dantas	Sábado (11/01) Julinho Porradão Forró 100% Pablo Timbalada
Sexta (10/01) Alex e Ronaldo Garota Safada Trio da Huanna	Domingo (12/01) Marreta You Planeta (Manhã de Sol)

Fonte: Disponível em: <<<http://www.bomjesuspenedo.com.br/programacao/>>>; acessado em 20 de maio de 2014.

Divulgada a programação artística – profana a cidade começa a se “agitar” economicamente. Não dispondo de uma praça de eventos, então toda orla ribeirinha de Penedo é reconfigurada para receber os festejos. Assim a Orla é territorialmente moldada para as quatro ultimas noites de festa com bares, banheiros, lanchonetes, petiscarias, restaurantes e outros equipamentos que são montados para, nestes dias de festa, receber todo o fluxo de pessoas que o evento atrai. O espaço volta ao seu uso comum depois de encerrado o tempo festivo. Esta particularidade ocorre em muitos lugares tendo em vista que:

[...] grande parte das festas, no seu momento de ocorrência, simplesmente fornecem nova função às formas espaciais prévias que dispõe para a sua realização [...] mas tão logo cesse o período ou momento extraordinário, tais formas retornam a sua função habitual (SARAIVA, 20005, p. 08).

E enfim, a cidade está pronta para receber os visitantes, os fieis e festeiros. Percebe-se um amplo arranjo cheio de nuances comandadas pelos agentes públicos e pelos agentes católicos. Vê-se nesse sentido, uma justaposição do sagrado com o profano. Dentro deste arranjo, os valores financeiros arrecadados com impostos e taxas de ocupação, não são direcionados a Igreja e sim administrados pela prefeitura sob a lógica de ajudarem nos custos operacionais da festa. Além do momento sagrado de celebração ao Bom Jesus, esse tempo de festa injeta, segundo dados da Secretaria Municipal de Planejamento de Penedo (2014), um valor que gira em torno de mais de cinco milhões de reais por festa e aquece o comércio local (supermercados, lojas de vestuários, bares, hotéis, pousadas, restaurantes) e oportuniza também comerciantes das cidades circunvizinhas de venderem seus produtos e serviços.

Moradores locais que não tem renda financeira ligada a atividade de comércio, nesse período encontram meios de ter alguma lucratividade por ocorrência da festa, como é o caso dos proprietários de terrenos baldios localizados próximo ao local dos festejos, estes acabam mudando a função dos terrenos e transformando-os em estacionamentos privados somente nos dias da festa. Há ainda aqueles moradores que alugam seus banheiros, quartos, casas e fornecem alimentação para os festeiros e fiéis.

Uma territorialidade que merece atenção recai sobre a procissão que marca o encerramento do acontecer da festa. Este ato de religiosidade, ao longo dos tempos, foi alterado em seu percurso, sobretudo por questões políticas. É na procissão, momento alto da festa, momento em que a igreja se utiliza do ato sagrado para permanecer como elo entre o homem terreno e o divino. Nesse sentido reforçarmos que: “[...] as procissões são evento comunitário hierárquicos, elas exprimem solidariedades de grupos subordinados a uma paróquia reforçando tanto os laços de obediência a uma igreja a uma comunidade” (AMARAL, 2010, p. 192).

Tendo em vista tal conotação, na procissão, a população penedense e visitantes também promovem a surgimento dessa territorialidade pelo acontecer da procissão do santo padroeiro local, uma caminhada alimentada pelo simbolismo em nome de Bom Jesus. Momento no qual o povo deveria se tornar “igual”, as classes sociais se entrelaçarem a ponto de não serem percebidas, pois neste itinerário espacial, ao lado do santo padroeiro, a “contradição” social deveria se desfazer diante da identidade religiosa e cultural do momento sacro. Embora cheia de sacralidade e mística, a presença marcante do poder econômico é vista “a olhos nus” pelas vestes e indumentárias; pelos crachás que a Igreja Católica e a Prefeitura distribuem como “ingresso” para participação da procissão fluvial. Interessante é que não basta ao fiel ter fé no santo para acompanhar o cortejo fluvial; ele precisa ter o “passe” para ingressar numa das embarcações, ou, dispor de dinheiro para alugar seu próprio barco e acompanhar o cortejo fluvial.

Já na procissão terrestre, em todo seu itinerário pelas principais ruas da cidade, os moradores locais, em sua imensa minoria, ornamentam suas janelas fazendo uma espécie de altar no qual diversas imagens de santos católicos se destacam. Toalhas de renda, flores, velas e outros artefatos também enfeitam esses pontos de saudação em louvor ao Bom Jesus ( Figuras 10, 11 e 12). Embora a contradição esteja presente em relação as formas das casas;



ela se desfaz no sentido de que qualquer daqueles proprietários pode desenvolver sua saudação; com simplicidade ou com requinte. Muitas pessoas de idade avançada observam de suas janelas o “passar do Bom Jesus”. A flexibilidade que apresenta essa territorialidade une a comunidade sem distinção, na qual o mítico e o sagrado conduzem o rompimento temporário e simbólico das fronteiras econômicas e sociais.

**Figuras – 10,11 e 12** – Devoção dos Fiéis durante a Procissão de Bom Jesus dos Navegantes de 2014.



Fonte – Guimarães, E.V.C. 2014

Toda festa corresponde a um tempo-espço especial. Mais precisamente, forma a marcação de um fazer coletivo, reunindo muito esforço e prazer num mesmo acontecimento. Geralmente o viver na festa demonstra a força de uma coletividade. Entretanto, quando pensamos na festa como um elemento que une o *universo do poder público* com o *universo do poder católico*, voltamos a necessitar de uma boa e provocante discussão. As festas, em relação ao poder público, tornam-se “eventos” e passam a exigir vários requisitos técnicos, profissionais e administrativos, muitas vezes tidos como “estranhos” ou artificiais à sua natureza.

Pode-se afirmar que essa “duplicidade” das festas seja complementada por outra

duplicidade de ordem política: a festa também é o espaço ritual das tensões e conciliações simultâneas (FERREIRA, 2004). Em todas elas algo de passado e de futuro se torna instigadoramente presente.

As festas populares tradicionais e religiosas expressam grande resistência para se promoverem como evento profissional. A força da discussão que gostaríamos de propor aqui nasce exatamente dessa problemática. As festas populares de forma geral aparentam prazer e desordem; mas contem uma natureza ritual. Isto é, são demonstrações de fé coletiva. Tanto a procissão do Bom Jesus como a Chegança, os Reisados, Pastoril, Marujadas e outros folguedos que se manifestam na festa, comprovam que o ato de festejar é um ato de fé. Por outro lado, no planejamento convencional do poder público toda organização da festa popular insere-se no universo do consumo e de um produto para demonstrar poder. Vemos esta verdade na esquematização posta no quadro abaixo.

#### Quadro 02 - Alterações na Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo –Al

<b>1884 A 1950</b>	<b>Sagrado:</b> Procissão, Missa, novenas alvoradas. <b>Profano:</b> Folguedos	<b>Organizada por:</b> Igreja Católica e Comunidades <b>Duração:</b> Três dias.
<b>1951 – 1985</b>	<b>Sagrado:</b> Procissão, Missa, novenas alvoradas. <b>Profano:</b> Folguedos e Competições Lúdico – Esportivas.	<b>Organizada por:</b> Igreja Católica e Comunidades <b>Duração:</b> Três dias.
<b>1986 - 2014</b>	<b>Sagrado:</b> Procissão, Missa, novenas alvoradas, shows culturais, caminhadas, mutirões. <b>Profano:</b> Folguedos, Competições Lúdico-Esportivas, shows artísticos, promoções diversas.	<b>Organizada por:</b> Igreja Católica, Comunidades, Poder Público e Empresariado. <b>Duração:</b> Nove Dias.

Fonte: Trabalho de campo 2013 e Registros do Livro de Tombo da Ordem Terceira (s/d)

A lógica da festa é o produto; principalmente diante de um contexto geográfico regional, como a realidade nordestina, onde múltiplos festejos assumem um caráter quase místico de “riqueza cultural” e potencialidade exageradamente promissora. Que motivos justificam essa valorização da festa de Bom Jesus dos Navegantes na cidade de Penedo; sem, no entanto, a correspondente relação de melhoria nas condições de vida do povo que a produz e festeja? De fato não há justificativa plausível para que os recursos que financiam a festa sejam direcionados, a cada ano, para fazer um arranjo espacial de festa maior. Não negamos que a festa artística é importante e traz dividendos para a cidade, mas ao longo do tempo, se parte dos recursos utilizados para trazer mega shows fossem utilizados de fato na

melhoria da infraestrutura da cidade, certamente teríamos uma cidade mais planejada para atender a necessidade de seus munícipes no cotidiano e nos dias da festa a Bom Jesus.

Significativo é pensar que nenhuma festa popular pode “naturalmente”, ser considerada um atrativo comercial, turístico ou econômico. Quando esta verdade aparece aos nossos olhos, como está posta na Festa do Bom Jesus de Penedo, faz-se uma grande deturpação de seus motivos e dinâmicas, num ato extremamente irresponsável. É o momento de reconhecer que nenhuma festa religiosa (sagrada e central), em qualquer escala de abrangência, deixa de ter sua dimensão profana, laica.

### **3.3 As Memórias e as Mudanças**

Na cidade de Penedo a formação religiosa católica sempre foi um importante fundamento para a construção da identidade do povo. Com um elevado número de templos religiosos, igrejas e capelas, a fé e devoção popular logo fez expandir os domínios de Poder da Instituição Católica. Os espaços onde foram fixadas as igrejas e capelas logo assumiriam uma condição de centralidade na vida das pessoas. Dessa forma, os membros das comunidades se dirigiam para esses locais com o objetivo de cumprir com seus ritos religiosos. Nesses lugares e no entorno deles, por iniciativa das comunidades e direcionamento da igreja se iniciaram os encontros religiosos e as comemorações dos dias dos santos católicos, principalmente dos padroeiros das comunidades.

Assim, ao longo do tempo, os penedense foram compondo o seu calendário próprio de festejos aos santos padroeiros. Desta forma o festar em cada comunidade e também a possibilidade de que o fiel católico pudesse se deslocar e participar de outras festas em outras comunidades era o esteio central para a sua composição. A vida em comunidade fez nascerem lideranças e, com elas, se promoveram acordos, que resultavam no envolvimento dos seus membros com as obras da igreja e os eventos comunitários. Capelas, salões de festas, festas e procissões, dentre outros, justificados a partir de promessas que se faziam cumprir, em agradecimento às graças recebidas. Como principal obra, as Capelas, geralmente, recebiam o nome do santo padroeiro e se tornaram, desde então, o lugar de práticas religiosas e, por extensão, do encontrar e do reencontrar das pessoas. Desse modo, as festas nasceram das iniciativas comunitárias e depois foram por interesse da Igreja Católica, incorporadas ao calendário de festejos populares de modo que fossem também

direcionadas por ela, mesmo que de modo sutil.

Considerada como manifestação cultural a Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL aparece com a junção do sagrado e do profano, na discórdia entre os frades e os homens simples do rio, os ribeirinhos, dando à religiosidade das pessoas um aspecto político. Nesta perspectiva, o significado e o sentido da tradição de festar o Bom Jesus dos Navegantes estão relacionados com a junção da fé e com as práticas das comunidades ribeirinhas de pesca.

Desse modo, centralizamos as nossas atenções ao modo de vida dos ribeirinhos e elegemos a festa como manifestação cultural privilegiada, sobretudo porque as comunidades permitiram analisar e compreender, por meio das relações de vizinhança, de amizades da religiosidade, de afeto para com o rio, processos pelos quais foram se formando as identidades e pertencimentos aos lugares.

Refletindo sobre as interações entre as festas do passado e os atuais festejos, os quais, embora informatizados, não são absolutamente independentes, percebemos que a Festa de Bom Jesus dos Navegantes, historicamente, funciona como uma entidade sociocultural muito complexa, produtora e portadora de uma identidade que lhe vai sendo atribuída pelas intenções e costumes daqueles que a organizam.

Segundo as proposições e considerações de Thompson:

Os costumes realizam algo - não são formulações abstratas dos significados nem a busca de significados, embora possam transmitir um significado. Os costumes estão claramente associados e arraigados às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho, embora não derivem simplesmente dessas realidades, nem as reexpressem. Os costumes podem fornecer o contexto em que as pessoas talvez façam o que seria mais difícil de fazer de modo direto [...], eles podem preservar a necessidade da ação coletiva, do ajuste coletivo de interesses, da expressão coletiva de sentimentos e emoções dentro do terreno e domínio dos que deles coparticipam, servindo como uma fronteira para excluir os forasteiros. (THOMPSON, 1998, p.22)

Quando falamos em costumes envolvemos automaticamente articulações de pessoas; disseminação de conhecimento e sabedoria. Na realização da festa sua representação é a legitimação e um modo de ser, manifestado por meio de hábitos e práticas sociais que tem como habilidade maior a de continuar organizando as comemorações, os eventos, os encontros e reencontros, tendo como lógica central as lembranças tradicionais herdadas pelos antigos realizadores e transmitidas sobremaneira por via oral.

Na Festa do Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, toda organização popular é conduzida de modo que os mais velhos passam as informações e orientações para os mais

novos. As competições são organizadas há muito tempo pela família Reis; atualmente é o patriarca Joaquim Reis (2013) quem dá normatização a estas atividades lúdicas que reanimam a chama daquilo que se vive e revive; como diz o Senhor Joaquim Reis de Santana “Ver hoje estas crianças e jovens participarem de corrida do saco, quebra pote, pau de sebo, corrida do ovo, me fazem voltar no tempo e ver como me diverti quando criança, nestas mesmas atividades conduzidas por meu avô”.

No que tange a festas, os costumes tem função de referenciais éticos e morais de um grupo social e, de certa forma, estabelecem princípios e valores para se efetivarem as reivindicações de uma festa nova a cada ano. Para as pessoas que fazem a festa, o envolvimento com o santo tem, nos costumes, o seu referencial central de aprendizado. Os atuais organizadores da festa, quer sejam aqueles ligados a igreja, quer sejam aqueles ligados ao poder publico tem a atividade de sua organização da festa como um produto a ser criado para atrair, gerar emprego e renda mas que não deve perder alguns significados do passado. O mesmo ato de organizar a festa e seu emaranhado de relações sociais faz deste acontecimento um catalisador que aglutina em torno de si a fé, o comercio, os ritos católicos e os shows profanos.

Desse modo, a memória, que se manifesta através dos costumes, é socialmente construída. Mesmo que um indivíduo esteja sozinho, ele irá, ainda assim, recordar através de “registros coletivos da memória” que foram construídos através de interações entre os indivíduos ao longo do tempo e em diversos contextos e tempos históricos. Memória é construção parcial e seletiva do passado cujos pontos de referencia são fornecidos pela sociedade atual. A memória coletiva se formula naturalmente por seres sociais, e dentro de cada grupo sofre evoluções, regressões e adaptações. Porém não se deve esquecer a importância do indivíduo que traz as lembranças de acordo com o seu contexto, com o seu presente, com o hoje de sua memória individual, onde o grupo se torna a base de sua memória, mas sua intenção sempre estará posta. E para que a memória coletiva não morra, sobreviva, é imprescindível que haja a interação entre o “fez-se ontem e o faz-se hoje”.

Neste sentido Candau (2001, 64) afirma que:

o conceito de memória coletiva é muito difuso, mas prático, pois não é possível designar de outro modo certas formas de consciência do passado, aparentemente compartilhadas por um grupo de indivíduos. A memória coletiva é um elemento unificador do grupo, um elemento de representação coletiva compartilhado por vários indivíduos de um determinado grupo e serve como mediador para alcançar e assumir uma característica real de memória.

No entanto, é evidente que a memória de um indivíduo social, por mais que seja construído isoladamente, em seu íntimo, sofre, a todo instante, influências das relações sociais do grupo que a pertence e do tempo que está inserido.

Conforme Candau (2001, 78):

[...] a memória permite fazer o tempo passado se presentificar, permite construções e reconstruções sociais de fatos vividos, permite romper silêncios e entender formas e representações simbólicas.” Permite, assim, entender as múltiplas camadas de tempos e espaços que necessitam de valores e significados culturais.

Nesta perspectiva as tradições são socializadas e reforçadas pela transmissão oral.

“Antigamente só havia as celebrações religiosas, e de alguns anos para cá, as celebrações religiosas diminuíram, aumentando as animações profanas. Achei errado, pois se a Festa é do Bom Jesus dos Navegantes, as animações deveriam ser todas religiosas.” (Entrevistado- 15)

Trata-se de um cultivo dos costumes dentro de uma cultura que brota e se afirma relacionada ao domínio ideológico do catolicismo popular. Assim, ao longo do tempo, os costumes das comunidades ribeirinhas de Penedo vão se associando e arraigando as realidades materiais e sociais da vida, sobretudo em relação ao tempo festivo:

Observava a Procissão numa janela na casa de minha avó; escondendo-me das varas de foguetes. Lembro o parque com doze barcos e cada barco com o nome de um mês do ano. Embarcações populares; Imagem do Bom Jesus; Um cenário carregado de afetos, de participação comunitária, fé e cheio de significados simples. Diferente do que vejo hoje” (Entrevistado - 06).

No que se refere ao trabalho e condições materiais de vida, a Festa de Bom Jesus dos Navegantes, ainda com seu arranjo mais simples, era observada das janelas das casas, ao redor da Praça da Santa Cruz. Não sob grandes aparatos tecnológicos e parafernália, mas sobre bandeiras e laços de fita feitos a mão pelos festejantes. Foi nessa realidade que os primeiros arranjos da festa se desenvolveram. Entre os roletes de cana das pequenas bancas e as fogueiras em homenagem ao santo, os ribeirinhos vão festejar o Bom Jesus. . Embalados pelas cantigas de roda e folguedos do tempo natalino os fieis conduziam o tríduo em louvor ao Bom Jesus. Estabelecidos os costumes a festa era, antes de tudo, uma manifestação de uma ordem nova que fornecia o contexto para que as pessoas se satisfizessem em suas necessidades sociais de lazer e divertimento.

Trazemos ainda o conceito de *sociotransmissores* de Candau, com o qual ele designa

todas as ações de produção social e todos os comportamentos humanos que estabelecem uma cadeia cognitiva, social ou cultural, entre indivíduos. Sendo, portanto, indispensáveis para a transmissão cultural e para a partilha memorial, pois são considerados dispositivos de transmissão da memória, como sinaliza Candau:

A memória é sempre feita de memórias e esquecimentos e a sociedade compartilha principalmente o que se esquece de seu passado comum. Há muito mais esquecimentos do que recordações, pois se escolhe algumas coisas para lembrar, enquanto uma infinidade de outras serão esquecidas. O esquecimento é uma complementação da memória. Mas compartilhamos esquecimentos do que memórias. A cada memória criada, gera-se um esquecimento. (CANDAU, 2001, p.).

A memória não é considerada apenas um mecanismo para se registrar, conservar e recuperar. Mas de qualquer maneira, quando se pensa em memória costuma-se pensar em aspectos de retenção de registro, de crédito de informações, conhecimento ou experiências. No entanto, a memória é, também, um mecanismo seletivo, de débito, de descarte e eliminação. Não é possível entender a memória sem entendê-la, também, e talvez mais ainda, como mecanismo de eliminação: a memória é um mecanismo de esquecimento sempre programado. Esquecer é requisito para pensar. O pensamento se faz por eliminação e por abstração. Abstrair é eliminar, é esquecer.

Com o passar do tempo, decorridos cento e trinta anos, os papéis de cada agente organizador da festa era definido, dentro da comunidade, que ao desenvolver o seu evento, em nome do costume e das tradições religiosas, mediadas pela reciprocidade, por aspectos sociais e econômicos, mediadas ainda pelo governo municipal e pela igreja católica, revelam uma moral que se encontra presente na inter-relação de seus agentes e que funciona como um conjunto de normas e obrigações recíprocas, de ideias de grupo social regente ao de “bem-estar social” comum. No caso dos ribeirinhos, a festa era um evento que se ligava aos ritos de fertilidades e fartura do rio, pois estava diretamente associada às suas práticas produtivas. Nesta época, sem os apelos midiáticos, no período da festa, era comum doar bens de consumo e animais para que se organizassem ações de arrecadação para a igreja. Porém, as relações sociais que sustentavam as trocas e doações eram mantidas, principalmente, pela troca de favores, de indulgências e de benesses.

“Houve mudança no foco. A festa que antes era religiosa, hoje é artística. As mudanças não foram boas, pois distoia daquilo que a festa deveria ser. Houve inclusive empobrecimento da manutenção dos grupos folclóricos.” (Entrevistado - 39)

Assim o festar do Bom Jesus dos Navegantes aconteceu, com pequenas variações ao longo dos seus primeiros noventa anos de festa, ou seja, de 1894 a 1984; sendo inseridas mudanças significativas a partir das últimas trinta edições, conforme podemos perceber na fala que se segue, colhida nas entrevistas realizadas no decorrer da Festa de Bom Jesus dos Navegantes, no ano de 2013. Elas sinalizam claramente a memória dos entrevistados em relação a um tempo da festa que eles acolhem com saudades.

“Muita coisa mudou. Os locais das coisas, o tamanho dos parques e os diversos lugares da festa se alteram a cada ano numa espécie de concorrência entre as pessoas que fazem a festa.” (Entrevista - 11).

Acessando as memórias da festa, explicitadas através dos relatos orais, é possível perceber que o arranjo da festa sempre esteve atrelado ao momento social que se vivia. Com a globalização e o advento do período técnico-científico-informacional, a composição do arranjo espacial da festa sofre alterações bruscas e muito mais perceptíveis. Algumas variantes midiáticas da época, como a invenção do trio elétrico, são inseridas fazendo com que a festa tenha uma nova roupagem, ainda mais diferente e perceptível àqueles que a realizavam. A partir de 1985, com a vinda do primeiro trio elétrico para a festa (Figura 13), muita coisa se modifica e a partir daí mudanças são mais significativas. Esse equipamento tecnológico retira do “Palanque Oficial” as atenções e as projeta para uma espécie de nova procissão, uma procissão profana, onde muitos daqueles que seguiam o Bom Jesus em cortejo, agora criam uma nova espacialidade manifestada na frase de Caetano Veloso: “[...] Atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu”. Vale ressaltar que desde sua inserção, segundo programação oficial, no ano de 1985, o trio elétrico já atraía maior número de pessoas que o andor do Bom Jesus, uma vez que naquele ano o trio saiu às ruas na manhã e tarde do domingo, inclusive coincidindo com o horário de parte da procissão.



**Figura 13** – Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL – 1985– Trio Valneijós embala os festeiros numa espécie de cortejo profano.



Fonte: Arquivo Casa do Penedo

Para compreender a festa como um processo socioespacial, é importante salientar que é necessário:

[...] alargar a visão setorizada da festa. Urge romper com certo reducionismo ingenuamente crítico, que pinta com as cores dramáticas da alienação justamente aqueles momentos em que o povo faz seu maior investimento afetivo. (RIBEIRO JR., 1982, p. 13).

Neste sentido, a apreensão das mudanças sinalizam as diferentes visões da festa:

*I - “Durante o passar dos anos a Festa de Bom Jesus passou a não ser mais valorizada como antes. Passou a sofrer uma desvalorização e não se desenvolveu mais. Não há tanta atratividade como antes; deveria haver mais investimentos em infraestrutura, atrações e divulgações. Seja na programação profana quanto na católica.” (Entrevistado-05)*

*II - “Recordo que no domingo em pleno meio dia, na parte profana, era trio na avenida. A festa foi tomando cada vez maiores proporções até ir para naquele espaço imenso em que hoje se encontra. Achei positivo.” (Entrevistado -18)*

*III - “A estrutura da festa melhora a cada ano. Todo ano que passa a prefeitura melhora a organização.” (Entrevistado -29)*

*I V - “Não houve mudanças na festa; o que houve foi uma forma diferente de festejar de sobremodo pela inserção da tecnologia . Antes as pessoas celebravam de uma forma, hoje de outra.” (Entrevistado - 26)*

Partindo das argumentações de Hobsbawm (1985, p.23), é possível perceber por meio dos processos sociais as contradições que movimentam as invenções das tradições:

Espera-se que as invenções de tradições ocorram com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as velhas tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com os seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade, ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta.

*V - “Atribuo as mudanças ao Poder Público, variando em relação à estrutura. Aquilo que está ligado a igreja não muda.” (Entrevistado - 07)*

*VI - “Houve a mutação de vários aparelhos de festejar. As pessoas celebravam de uma forma e hoje celebram de outra.” (Entrevistado - 09).*

*VII - “Houve mudanças. A festa que era da igreja passou a ser um evento comercial da região.” (Entrevistado - 03)*

*VIII - “Houve mudanças na parte profana o que apesar de ser bom economicamente para a cidade para a festa não foi.” (Entrevistado – 06).*

*IX - “Hoje vem bandas boas que antes não existiam.” (Entrevistado - 30).*

*X - “Se ainda fosse como antes não teria ninguém. Os tempos mudam.” (Entrevistado 19).*

Assim, neste sentido, os penedense tem a expectativa, a cada ano, de encontrar, nas Festas do Bom Jesus dos Navegantes, um movimento que não nega o passado deles, mas que

também não o repita. Em verdade as festas continuam fundamentadas em costumes, hábitos, intenções e tradições que sofrem, a todo o momento, adaptações, influencias, ajustes, rejeições e inclusões, nas quais estão diretamente relacionados os novos comportamentos sociais daqueles agentes que já não têm mais os seus “tempos” vinculados ao tempo dos primeiros noventa anos da festa. Mas estes, agora, são influenciados pela era das redes sociais, estão noutros tempos bem mais velozes e vinculados a um espaço informacional e lógico decorrentes da correria da vida urbana, da internet, do mercado globalizado.

### 3. 4 – Espacialidade da Festa.

O espaço vivido é uma experiência contínua, egocêntrica e social, um espaço de movimento e um espaço-tempo vivido que se refere ao afetivo, ao mágico, ao imaginário. O espaço vivido é também um campo de representações simbólicas, rico em simbolismo que vão traduzir em sinais visíveis não só o projeto vital da sociedade, subsistir, proteger-se, sobreviver, mas também as suas aspirações, crenças, o mais íntimo de sua cultura (CORRÊA, 2001, p. 32).

O espaço, considerando-se aqui o espaço vivido, é basicamente, o conjunto das representações simbólicas. Entre os diversos símbolos, estão aqueles ligados à religiosidade do homem que singulariza o espaço tornando-o único, transformando-o em um espaço sagrado. Assim sendo, é possível fazer uma distinção entre o sagrado e o profano: “a primeira definição que se pode dar ao sagrado é que ele se opõe ao profano” (ELIADE, 1992, p. 17). Fica claro, então, que o espaço sagrado possui características que o diferencia daquele dito profano, fazendo com que o homem religioso o vivencie de forma diferente. Conforme afirma Corrêa (2001), o espaço onde há a manifestação (hierofania) do sagrado é o espaço sagrado. Apesar do espaço ser de início e a priori o “locus” da manifestação do sagrado, essa manifestação se dá em uma realidade totalmente contrária a do cotidiano, demonstrando que o espaço sagrado não é homogêneo, conforme afirma Eliade (1992, p. 19): “o homem toma conhecimento do sagrado porque este *se manifesta*, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”. E ainda acrescenta: “para o homem religioso, o *espaço não é homogêneo*: o espaço apresenta rupturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras” (ELIADE, 1992, p. 25).

Assim a descontinuidade do espaço sagrado apontada por Eliade (1992) pode ser verificada no acontecer da Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, na

observação de suas dinâmicas espaciais. O fato das missas acontecerem nas ruas, antes ambientes de uso cotidiano, sem sacralidade, nos mostra que, no momento em que o rito católico é celebrado, aquele espaço se torna sacralizado, como aponta Eliade (1992), sinalizando que o espaço sagrado é um espaço significativo, o verdadeiro espaço, o espaço real, o “centro do mundo”, enquanto o espaço profano é amorfo, sem significados.

O modo de viver neste tempo da festa conduz o cidadão a uma espécie de “novo tempo” dentro do calendário civil oficial. O fiel passa a celebrar sua passagem por mais uma festa e comemorar mais um ano que se inicia. Para os agentes organizadores do governo municipal a festa é a oportunidade de provar competência e mostrar aos rivais políticos o poder que se materializa na força das atrações e na presença de políticos e público em geral.

Para os agentes organizadores vinculados a igreja católica é hora de mostrar o quanto o sagrado pode atrair; realizar os ritos e arrebanhar mais fieis devotos. Para os festeiros e moradores que não participam dos ritos católicos é hora de celebrar, a vida, a amizade e comemorar com os demais o ano que acaba de iniciar. Para os ambulantes, comerciantes e empresários é hora de faturar; e faturar alto em nome da devoção ao santo. Viver o tempo da festa em Penedo é estar envolvido por “ares de alegria”, cada um a seu modo, mas todos se alegram pela passagem da festa. A festa acaba sendo uma espécie de lugar do povo de Penedo. Fragmenta o espaço e cria um tempo de conagração carregado de afeto. No fundo, para o povo de Penedo é hora de celebrar o “ser penedense”. A nosso ver é esse clima “mágico” que acaba por tornar a festa a maior festa popular de Alagoas.

Ao contrário do que ocorre no espaço profano, no qual não é possível nenhum tipo de referência e orientação, a manifestação do sagrado, a hierofania, revela o que chama de “ponto fixo”, que se torna o “centro do mundo”, o ponto de referência que possibilita a orientação do homem religioso, conforme afirma Eliade (1992, p. 27): [...] “a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um ‘ponto fixo’, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a ‘fundação do mundo’, o viver real”. Portanto, a partir de Eliade (1992), pode-se concluir que todo espaço sagrado coincide com o “centro do mundo”, o “ponto fixo”. Relacionando essa afirmação de que o espaço sagrado é o “centro do mundo” com o entendimento de que a igreja é local da manifestação do sagrado, pode-se concluir não só o templo mas também o ato religioso que, naquele instante, passa a nortear o homem religioso e se tornar o “centro do mundo”, o ponto de referência que possibilita sua

orientação na homogeneidade desordenada do espaço profano. Assim ocorre na Festa do Bom Jesus que tem a Igreja da Santa Cruz como “o principal - centro do mundo”, no acontecer da festa religiosa.

Segundo o modelo proposto por Rosendahl (1997), são quatros os elementos espaciais vinculados diretamente ou indiretamente ao espaço sagrado, que são: espaço sagrado e “centro do mundo”, espaço profano diretamente vinculado ao sagrado, o espaço profano indiretamente vinculado e o espaço profano remotamente vinculado ao sagrado, conforme a Figura 14, que baseada no modelo proposto por Rosendahl (1997), demonstra a espacialidade da festa do Bom Jesus.

**Figura 14** – Espacialidade da festa de Bom Jesus dos Navegantes –Penedo/AL



Fonte: Guimarães, E.V.C. - 2014

Seguindo o modelo proposto por Rosendahl (1997) e analisando as espacialidades na festa, concluiu-se que o arranjo da festa possui fundamentalmente dois elementos espaciais vinculados ao espaço sagrado, que é o próprio espaço sagrado e o espaço profano

(remotamente vinculado ao sagrado), uma vez que a igreja não possui em seu entorno espaços vinculados ao sagrado. O número 1 corresponde ao próprio espaço sagrado, a Igreja de Santa Cruz; o número 2 corresponde ao espaço diretamente vinculado ao sagrado, que na Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo se trata do entorno da Igreja de Santa Cruz. Esse espaço, diretamente ligado ao sagrado, se percebe a partir do comércio de imagens, símbolos católicos diversos e do palco religioso externo a igreja.

Há ainda o número 3 que é o espaço diretamente vinculado ao profano, que na festa se manifesta na presença do Palco Principal, para onde converge toda a manifestação do profano presente na festa. E, o número 4, o imenso espaço remotamente vinculado ao profano. Ele, na festa, recobre a maior parte do território pois nele estão manifestas as mais variadas formas de relação de poder: econômicas, políticas, midiáticas, informacionais entre outras.

Esse esquema pode variar em função de grandes eventos promovidos pela igreja católica como por exemplo, as pregações que ocorrem no palco principal, no domingo a noite; uma vez que o local utilizado para a realização deste evento torna-se momentaneamente o espaço sagrado, o “centro do mundo”, o *locus* da manifestação do sagrado, rompendo-se com o restante do espaço, separando o sagrado do profano, mesmo que por um período de tempo limitado.

No entorno dos locais da realização dos eventos há a instalação de comércio vinculado a fé, ao sagrado, com vendas de CDs, camisetas, livros, objetos consagrados pelos padres, além das barracas de comidas e bebidas, criando, assim, um espaço profano diretamente vinculado ao sagrado. (Figura 15)

**Figura 15 – Ambulantes**



Fonte: Guimarães, E.V. C. – 2014

Para melhor entender a distinção entre sagrado e profano, é necessário compreender o que Eliade (1992) entende por espaço profano. Para ele:

A experiência profana, ao contrário [do sagrado] mantém a homogeneidade e, portanto, a relatividade do espaço. Já não é possível nenhuma *verdadeira* orientação, porque o “ponto fixo” já não goza de um estatuto ontológico único; aparece e desaparece segundo as necessidades diárias. A bem dizer, já não há “Mundo”, há apenas fragmentos de um universo fragmentado, massa amorfa de uma infinidade de “lugares” mais ou menos neutros onde o homem se move, forçado pelas obrigações de toda existência integrada numa sociedade industrial. (ELIADE, 1992, p. 27-28).

A diferenciação entre sagrado e profano torna-se clara, pois a experiência do sagrado proporciona aos homens religiosos a verdadeira orientação, a sua identificação com o mundo sagrado, enquanto a experiência profana não proporciona viver experiências do sagrado, do mundo transcendente.

Sob essa ótica, na tentativa de dar um caráter geográfico ao conceito de espaço sagrado e demonstrar a grande importância deste para os estudos da religião em Geografia, Rosendahl (2002) entende espaço sagrado como:

[...] um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua

função de mediação entre o homem e a divindade. E é o espaço sagrado, enquanto expressão do sagrado, que possibilita ao homem entrar em contato com a realidade transcendente chamada deuses, nas religiões politeístas, e Deus, nas monoteístas. (ROSENDAHL, 2002, p. 30).

Desta forma é possível deduzir que Eliade (1992) e Rosendahl (2002) chegam ao mesmo ponto comum: o espaço sagrado proporciona ao homem vivenciar uma experiência diferente daquelas vividas em seu cotidiano, levando-o a um contato com o divino. Abre-se uma janela para o além através da experimentação do sagrado. O homem está portanto acima daquilo que o prendia a terra. Ele se eleva acima de si mesmo. Em virtude disto é que a igreja, na Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo, é o espaço das experiências. É possível concluir que o interior deste recinto proporciona ao homem religioso uma espécie de ruptura com o profano. Assim, na festa, a Capela da Santa Cruz, é um peça fundamental para o entendimento da não-homogeneidade do espaço, apreendendo assim a separação entre sagrado e profano:

[...] igreja faz parte de um espaço diferente da rua onde ela se encontra. A porta que se abre para o interior da igreja significa, de fato, uma solução de continuidade. O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso. O limiar é ao mesmo tempo o limite, a baliza, a fronteira que distinguem e opõem dois mundos – e o lugar paradoxal onde esses dois mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano para o mundo sagrado. (ELIADE, 1992, p. 29).

A igreja de Santa Cruz é o espaço sagrado no qual o homem religioso pode aproximar os laços que o une com o seu Deus. O homem, além de vivenciar o *Espaço* sagrado no espaço sagrado, vivencia-o também no tempo sagrado, pois segundo Eliade (1992, p. 64), “o homem religioso vive assim em duas espécies de tempo, das quais a mais importante, o tempo sagrado, se apresenta sob o aspecto paradoxal de um tempo circular, reversível, espécie de eterno presente mítico”. E ainda: “tal como o espaço, o tempo também não é, para o homem religioso, nem homogêneo nem contínuo” (ELIADE, 1992, p. 63).

A falta de homogeneidade do tempo proporciona ao homem viver em dois tempos distintos, pois o tempo sagrado é recuperável e se repete, um tempo que não muda, que se mantém sempre igual a si mesmo e nunca se esgota, enquanto o tempo profano tem começo e fim (ELIADE, 1992). Assim, a experiência do sagrado e do profano, vivenciada pelo homem religioso, acontece tanto no tempo como no espaço de maneiras diferentes.

### 3.5 – A festa no contexto virtual: #bomjé



Nos dias atuais a velocidade de informação e redes sociais tem aproximado às pessoas que estão em espaços físicos distintos, mas na mesma medida tem a capacidade de abstrair pessoas que estão bem próximas dentro do mesmo território. Numa perspectiva escalar, o local e o global perpassam pela vivência virtual de um mundo cibernético.

É possível, a qualquer usuário, transpor a lógica escalar seja num *check-in* ou numa *curtida* de rede social. A Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo foi, durante sua realização em 2014, um dos assuntos mais comentados nas redes sociais, pelos habitantes da região do Baixo São Francisco, nos estados de Sergipe e Alagoas. Não se observou comentários sobre as tradições folclóricas da festa, ou mesmo sobre seus atos religiosos. O *#Bomjé* (*hashtag usada no Facebook*), << [<>](https://www.facebook.com/BomJesusPenedo)

A identidade, por ser inerente à condição humana, é buscada por todos os seres sociais com o intuito de encontrar segurança, moldar comportamentos, formar convicções e garantir ao indivíduo um lugar no mundo em que vive e do qual faz parte socialmente. A formação da identidade depende muito do seu enraizamento em um espaço territorial e identitário bem definidos e que ofereça todas as condições necessárias para que tanto o indivíduo quanto os grupos a que pertence se sentam representados.

Nas ultimas realizações da festa e cada vez mais, verifica-se que os novos festeiros pretendem que sejam alteradas as dinâmicas iniciais da festa. Vale estender o tempo de duração das atrações profanas e prolonga-las, pois, agora, o êxtase daqueles que estão a festejar se baseia não mais na fé e devoção ao santo, mas na intensidade da fuga da realidade e na quebra duradoura do cotidiano através dos shows artísticos profanos.

Corroborando o pensamento de Foucault e Deleuze, Guattari (1992) analisou os efeitos do contexto sócio-histórico e cultural na subjetividade humana, e defende que, mesmo inconscientemente, os indivíduos se lançam e empreendem-se em “buscas diárias por demarcações das territorialidades sociais, que foram perdidas quando a humanidade passou a ter o capital como universo de referência.” (GUATTARI, 1993). Não se trata propriamente de um território geográfico, mas sim a um contexto físico e antropológico diante do comportamento de perda de raízes do seu território natural, originalmente constituído. A

desterritorialização é um processo que encaminha naturalmente para uma reterritorialização, isto é, uma “criação” de outro novo território:

O conceito é o contorno, a configuração, a constelação de um acontecimento por vir. Os conceitos, neste sentido, pertencem de pleno direito à filosofia, porque é ela que os cria, e não cessa de criá-los. [...] Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimentos. (DELEUZE & GUATTARI, 1992, p. 46).

Esse processo de alteração nas relações sociais entre aqueles que organizam e festejam o Bom Jesus não leva a um esvaziamento ou ao fim de uma tradição que se territorializa há cento e trinta anos, mas sim à perda de um referencial de fé e cultura que é substituído por vários outros não referenciais. Hoje o #Bomjé acontece não mais dentro do arranjo espacial da festa, ele pode acontecer dentro da própria casa através de mídias conectadas que coloca o homem em contato com localidades distantes, transmissão ao vivo, levando-o a perder seu referencial e não reconhecer mais seu lugar no mundo. O #Bomjé passa com isto a perder composição identitária para assumir uma nova face que será revelada com o tempo, com o novo, com toda influência do tempo e da informação que hão de vir. Cabe entender que é necessidade intrínseca do ser humano possuir uma identidade e é ela que o impulsiona a buscar em outros territórios identidades novas ou reconstruídas. De acordo com Castells “a crescente diversidade e fragmentação dos interesses sociais na sociedade em rede resultam na sua agregação sob a forma de identidades (re) construídas.” (CASTELLS, 2003, p. 329) que pensemos agora como conectar o Bom Jesus dos Navegantes ao #Bomjé dos dias atuais.

**Figura – 16 - Entre Janelas e Camarotes: o Bom Jesus!**



Fonte: GUIMARAES; E.V.C. – 2014.

#### **4 – ENTRE JANELAS E CAMAROTES: CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

A Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL é um rico e inesgotável campo de investigações. Não posso me atrever a delimitá-lo numa definição ou resumi-lo a minhas explicações. Tentei dar alguns passos no sentido de entender essa linda manifestação do povo ribeirinho de Penedo e do baixo São Francisco. Ela é a expressão maior de fé e tradição popular. Ela saiu das cercanias da igreja católica para ser apropriada pelo povo. Seguindo o entendimento de ALMEIDA ela é, porque não dizer, um “lugar” dos penedenses.

O festar em Bom Jesus possui a identidade do povo de Penedo; uma comemoração “estável” que é reproduzida ao longo do tempo conservando a mágica de sua origem. Uma festa nova a cada ano que revive a memória do povo. Ela está diretamente ligada ao “ser penedense”. “Estas ligações, que se iniciam com o nosso nascimento e se aprofundam com a experiência, implicam em um conhecimento detalhado do lugar, e na constituição de raízes, de um centro de significados que se torne insubstituível” (TUAN, 1983, 50). Ela se traduz numa marca do povo. Ela revela o amor do ribeirinho pelo rio São Francisco, liga o pescador a divindade da fartura, e, esse mesmo homem a produz como agradecimento a deusa que se aproximou dele.

A representação cultural da festa confirma a manutenção de uma identidade cultural persistente em uma sociedade consumista e globalizada, assim sugere CLAVAL (1995, 76),

“[...] no estudo da identidade cultural devem ser considerados três elementos para a sua formação: a origem comum, o desejo de adequar-se às práticas de um grupo e a construção da pessoa que repousa na articulação exercida de todos os aspectos de sua vida centrados na cultura”.

O povo penedense ao longo dos cento e trinta anos de festa tem se revezado na tarefa de construir as festas e manter a tradição. Cada festa traz consigo a marca do tempo e da técnica que está à disposição da sociedade em cada tempo. Iniciada nos muros católicos do convento franciscano, mas apropriada pelo povo ribeirinho a festa se reinventa. Como sinaliza MENEZES (2008), “A festa é (re) inventada nas áreas urbanas com o mesmo nome, ocorrendo a inserção do moderno, do rural ao urbano.” Ou seja o festar varia com o tempo e se apropria da novidade presente no tempo; uma vez que a novidade faz parte da vida daqueles que festejam Os traços culturais do povo que festa, no tempo que faz a festa é ingrediente fundamental para a composição do arranjo e da dinâmica da festa.

Como bem sinaliza o entendimento de Almeida (2005) o viver na festa do Bom Jesus dos Navegantes se caracteriza como um gerador de significados culturais que varia grandemente pela enorme aglomeração de forças (poderes) que regem o realizar da festa. Sejam os agentes do poder de público ou os agentes da igreja católica; passando ainda pelas intervenções dos fiéis que expressam a fé de modo popular ou ainda, dentro da produção espacial dos festeiros, que trazem para o centro do território da festa suas experiências e valores numa diversidade tremenda e que se traduz numa territorialidade própria e contemporânea. Está inserido ainda neste contexto o #bomjé dos tempos modernos que une e afasta as pessoas numa espécie de duelo entre o mundo real e o virtual.

Na perspectiva dos fies e festeiros, garantir a realização do festar implica levar em consideração a organização comunitária, a reciprocidade, o unir-se e a doação, principalmente de tempo e de saberes, de cada pessoa ao longo dos anos. Tudo isso se torna uma garantia para que se continue a festar o Bom Jesus a cada novo ano. Essas razões nos fazem entender que o vínculo comunitário penedense, sem dúvida, é a mais forte “instituição” para que seja organizada, através de uma ordem moral, de valores éticos, de raízes ribeirinhas, que fazem com que a tradição do Bom Jesus dos Navegantes se mantenha viva e tenha uma espécie de identidade com o lugar penedense. Isso faz a festa ser de

Penedo.

Desse modo, ainda na perspectiva das rupturas temporais ou do grupo social em seu tempo, alterando com os costumes de se fazer a festa, entendemos que quando são rompidas certas práticas tradicionais, nem sempre se está a romper com o que é tradicional, pois vale ressaltar que as tradições também são renovadas; e porque não dizer reinventadas.

A reinvenção das tradições seguramente desempenha um grande papel para perpetuação da identificação do povo de Penedo com a apropriação da Festa do Bom Jesus dos Navegantes. É na tentativa de se fazer o melhor, continua ou descontinuamente, que os laços com a obra de fazer a festa são reforçados. A partir de sua organização, as pessoas cultivam a necessidade de agir coletivamente e, neste ato de fazer coletivo, percebem a importância de negociar os espaços comunitários, principalmente quando conseguem juntar, no processo de fazer a festa, pessoas de várias classes sociais, várias famílias e várias comunidades. Embora saibamos que as adaptações estejam resultando na continuidade da festa, os atos não juntam apenas pessoas, mas geram possibilidades de, nos encontros, redefinir as pessoas em suas identidades e na relação de pertencimento delas com o lugar.

Dessas situações pode-se entender que se trata, mais do que uma adaptação, de algo que está posto como desafio para a continuidade das tradições, mas que dificilmente representará ameaças para que seus participantes continuem com os seus festares. Insere-se a este contexto a lógica de que a “era digital” atingiu as comunidades que organizam a festa, que os desencontros ocorrem, principalmente quando estes são promovidos por aqueles que não conseguem entender que as tradições também sofrem redefinições e que estas, dependendo das transformações sócio-espaciais, são rapidamente modificadas e reinventadas, provavelmente continuando a gerar outros tipos de sentimentos e outras relações de pertencimentos com os mesmos lugares onde se realiza o mesmo evento mas a cada ano de forma diferenciada. Com relação ao hábito de se festar o Bom Jesus dos Navegantes em dia marcados, este revela, também, a forma com que as pessoas realizam o uso do espaço e do tempo comunitários.

Como sugere Durkheim (2003), a festa é a própria coletividade agindo como sociedade, ou seja, é um fenômeno social que contém uma representação e uma reprodução da sociedade. Uma representação do tempo que se viveu, porém embrincada de influencia do tempo em que se vive. As representações coletivas incluem formas intelectuais e qualquer

tipo de ideia, emoção ou crença de uma coletividade. Numa representação coletiva, Durkheim afirma existir uma estrutura das ideias coletivas, uma estrutura repleta de elementos significantes, farta de uma gama de sentidos e significados.

Assim, em Penedo, a Festa do Bom Jesus dos Navegantes constitui uma espécie de ação social coletiva que já é prevista no calendário anual da cidade e de sua sociedade; é também um espaço social e um tempo social extraordinários, onde ideias e valores se tornam mais perceptíveis através do poder da efervescência coletiva daqueles que a promovem. O Bom Jesus dos Navegantes, sem esquecer o Rio São Francisco, é hoje o maior traço identitário do povo de Penedo. É a expressão maior dos penedenses. É a “marca” que o povo de Penedo leva aos quatro cantos do mundo.

Com relação à identidade, o que se quer dizer em relação ao povo de Penedo é que, simbolicamente, o festar de Bom Jesus traz consigo elementos que retratam a identificação social, já que a festa se expressa através do território, visualizado em suas territorialidades, ou seja, dentro de uma relação de apropriação, efetivada e afetiva, tanto no campo das ideias quanto no da realidade material concreta além é claro da simbólica.

As identidades sociais, puramente simbólicas, são produzidas como representações da realidade, de um reconhecimento social pela diferença, entretanto “as marcas da identidade não estão inscritas no real, embora os elementos sobre os quais as representações de identidade são construídas sejam dele selecionados” (PENHA, 1992, p. 167). A identidade territorial se exprime pelo conjunto de representações que reconhecem certa homogeneidade em relação ao espaço ao qual se referem, atribuindo coesão e força (simbólica) ao grupo que ali vive e com ele se identifica (HAESBAERT, 1999). Como a identidade representa o sentimento de pertencimento - campo de pertença; ela é simbólica e abstrata, mas é originária de vivências e afetos concretos. As experiências cotidianas vão compondo um mosaico de imagens que se vinculam sempre a significados ampliados da identidade. Desse modo, “identidade” é um termo polissêmico, relacionado tanto ao indivíduo, no aspecto pessoal, como também às relações entre o indivíduo e a sociedade.

Ao longo dos cento e trinta anos da Festa do Bom Jesus de Penedo/AL houve, a cada ano, novo arranjo de composição da festa, uma espécie de “duelo” entre os agentes organizadores, representados pela igreja católica e pela prefeitura municipal, pode ter sido na verdade o maior responsável pelo empobrecimento cultural da festa fazendo-a se tornar um

espetáculo descartável; consumido a cada ano, porém que ainda mantem alguns atos presentes em todas as suas edições. A festa popular muda sempre, na tensão política de suas duas faces (a sagrada e a profana). O que não muda é a mentalidade e as práticas dos agentes que a organizam; aqueles que se dizem profissionais, na administração pública dos eventos. Para que essa mudança necessária se efetue e se acelere, devemos promover a discussão dos caminhos mais adequados para se lidar com a festa em tela.

Em tempos de globalização; de um Brasil “vendido” como produto turístico, não negamos que a festa pode sim render bons dividendos para a cidade, mas aqueles que a organizam precisam ter em mente que memória da festa precisa ser preservada.

As festas de Bom Jesus estabelecem uma ordem de elementos identitários, que vão caracterizar e reafirmar essa tradição, a qual pode ser compreendida através da prática realizada pelos membros da sociedade em determinado espaço e lugar. Nesse sentido, as tradições dessa festa representam diversas manifestações que devem ser compreendidas segundo o cotidiano da sociedade, ou dos grupos sociais, que experienciam/aram o poder de expor suas tradições festivas através de representação visual, o que tende a produzir sensações diversas nos observadores.

É através da festa também, que o homem tem se apoderado do espaço e do lugar, como tais, através de suas práticas e de suas relações sociais, que vão marcar de traços identitários e de geograficidade do lugar. “O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. Ele não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado” (TUAN, 1979, p. 387).

A festa é uma prática social vivenciada, que faz da representação o fio que une na condução para estabelecer o significado entre essa prática e a construção das imagens que a tem caracterizado.

É no espaço vivido que é possível apreender que, as festas populares, como a Festa de Bom Jesus dos Navegantes, constituíram-se como um centro de significados e significantes. As festas de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo, em seus diversos arranjos espaciais ao longo do tempo, consagraram uma tradição e a memória de um povo, permitindo que se perceba o poder constituído pela igreja Católica e pelos grupos sociais, numa construção sociocultural modificada a cada ano e que duela e resiste, a medida do possível, com as

novidades e o poder da mídia que induz a mudança. O festar do Bom Jesus dos Navegantes é na verdade a ressignificação do “ser Penedense”. É um voltar às origens. Revisitar as mais antigas raízes daquilo que é ser penedense.

A construção da identidade na Festa, ao longo do tempo, levando em conta o processo histórico foi muito valorizada pelos que a representavam; tanto para os indivíduos como também para a igreja católica e para o estado, pois a identidade presente no território de realização da festa visava legitimar o ato como patrimônio do povo de Penedo. Entendendo as redes sociais como territórios e corroborando o entendimento de Castells (2003) de que o território constitui-se como um espaço que pode assumir diferentes formas ou funções que podem ser físicas, geográficas, sócio-políticas, econômicas e psicológicas, que foram sendo permeadas pelos avanços tecnológicos em escala mundial, percebemos que o Bom Jesus dos Navegantes; agora #Bomjé e sua relação com seus festeiros mudou ao longo do tempo.

Embora as tecnologias de comunicação sirvam para estreitar distâncias e encurtarem as fronteiras, o mundo atual se transforma num complexo espaço de relações sem territorialização e assim, uma nova estrutura da sociedade composta por novos sujeitos surge interconectada mundialmente e deslocada de sua relação identitária com o lugar. Seria uma espécie de desterritorialização. Esse termo, que significa “saída do território”, foi conceituado por Deleuze e Guattari, que de início usaram a expressão nos processos psicanalíticos, sendo depois utilizado por outras áreas.

Assim, também a Festa de Bom Jesus dos Navegantes e a relação daqueles que a festejam sofre influencia e muda. Seja nos camarotes e na compartimentalização dos espaços, numa segregação clara com viés econômico, seja no campo das relações de convívio mutuo expressos agora de modo informal e que antes se expressavam de modo pessoal manifesto em visitas e laços de amizades reais.

Diante disso passei a entender que entre as *Janelas* e os *Camarotes* do Bom Jesus dos Navegantes existem sonhos, anseios, histórias, conquistas, derrotas...existe movimento, voluntário e involuntário. Existe ação e reação, mas sobretudo existe reflexão. Existe vida!



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Geralda. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza. Ano 2, n. 2. p. 103-114, 2003.

AMARAL, Rita de Cassia de Mello Peixoto. **Festa à Brasileira**. USP. São Paulo: 1998.

ANDRADE, Manuel Correia. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec; Recife: IPESPE, 1995.

ANDREOTTI, G. **La Géographie Culturelle Italienne. Orientations de recherche**. Geographie et Cultures, n. 64, pp. 3-34, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BONJARDIM, Solimar Guindo Messias e VARGAS, Maria Augusta Mundim. 2010. **O visível e o invisível: A paisagem arqueológica da morte em São Cristóvão e Laranjeiras**. Ateliê Geográfico 4 (10): 190-214.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade. A era da informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol II. Trad. Alexandra Lemos & Rita Espanha. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CORRÊA, R.L. “Espaço – Um conceito chave da Geografia”. In: Castro, I.E., Gomes, P. e Corrêa, R.L. (orgs). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

\_\_\_\_\_. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DARDEL, Eric. (1990): **L'Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique**. Paris: CTHS, [PUF, 1952], 199 p

DUNCAN, James S. O supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Introdução a Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 63-102.

DURKHEIM, Émile. **Formas Elementares da Vida Religiosa**. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, 536p.

ELIADE, Mircea. 1992. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. Lisboa: Livros do Brasil.

ENTRIKIN, J. Nicholas. *The Betweenness of Place: towards a geography of modernity*. London: Macmillan Education, 1991

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTINS, Márcia. “Entre o Divino e os Homens: A arte nas festas do Divino Espírito Santo”. In: Horizontes Antropológicos, vol. 14 nº 29 Porto Alegre Jan./Jun. 2008.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**.

Niterói: EdUFF, 1997.

\_\_\_\_\_. **A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda**. Terra Livre,

São Paulo, v. 1, n. 18, jan. /jun. 2002, p.37- 46.

\_\_\_\_\_, **Identidades territoriais**. Em Manifestações da cultura no espaço, orgs.

Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa, 169-190. Rio de Janeiro: UERJ.

\_\_\_\_\_, **Territórios alternativos**. São Paulo e Niterói: Contexto e UFF.

HOBBSAWM, Eric. **Invenção de Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

HOLZER, W. **O Lugar na Geografia Humanista**. USP. São Paulo. 1998.

\_\_\_\_\_, **Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico**.

In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p.149-168.

LUCKERMANN, F. (1964): **Geography as a formal intelectual discipline and the way in wich it contributes to human knowledge**. Canadian Geographer, 8 (4), pp. 167-172.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OLIVEIRA, Sandra Célia. “**Romaria do Bom Jesus da Lapa, Prática do Catolicismo Popular**”. In: *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 249-268, abr./jun. 2011.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993

RELPH, Edward. (1976): **Place and Placelessness**. London: Pion, 156 p.

RIBEIRO DE OLIVEIRA, P. “**Adeus à sociologia da religião popular**”. *Religião e Sociedade*, V 18, nº 2. 1997, pp 43-62.

ROSENDAHL, Zeny. 1999. **O espaço, o sagrado e o profano**. Em Manifestações da cultura no espaço, orgs. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl, 231-247. Rio de Janeiro: UERJ.

\_\_\_\_\_, Zeny. **Sagrado e Religião: Uma Abordagem Geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1996.

\_\_\_\_\_, Hierópolis: **O Sagrado e o Urbano**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

\_\_\_\_\_, Zeny. “**Espaço e Religião: Uma abordagem geográfica**”. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2002.

\_\_\_\_\_. “**A dimensão do lugar sagrado: ratificando o domínio da emoção do ser-no-mundo**”. In: Cidades, olhares e trajetórias. Sandra de Sá Carneiro, Maria Josefina Gabriel Sant’Anna (organizadoras). Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

\_\_\_\_\_. “**Território e Territorialidade, uma perspectiva Geográfica para o estudo da Religião**”. In: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina –20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo

\_\_\_\_\_. “**Primeiro a obrigação, depois a devoção**” Rio de Janeiro

SANTOS, Milton. **Território e Sociedade – Entrevista com Milton Santos**. 2. Ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

SAUER, Carl Ortwin. (1983): **The morphology of landscape**. In: LEIGHLY, J. (org.), *Land and Life - A Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer*. Berkeley : University of California Press, p. 315-350.

\_\_\_\_\_. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Geografia Cultural: um século** (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000. p. 99-110. Coleção Geografia Cultural.

SEGALEN, Martine. **“Ritos e rituais contemporâneos”** [tradução Maria de Lourdes Menezes]. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SILVA, Armando Correa da. **Fenomenologia e Geografia**. São Paulo: Orientação. Instituto de Geografia/USP, pp. 53-56,

STAEHELI, Lynn A. Place. In: Agnew, J.; Mitchel K. e Tool, G. (orgs.) **A Companion to Political Geography**. Oxford: Blackwell, 2008.

TRIVINÕS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, Atlas, 1987

TUAN, Yi-Fu. (1965): **"Environrment" and "world"**. *Professional Geographer*, 17 (5), pp.6-7.

\_\_\_\_\_. o (1975): **Place: an experiential perspective**. *The Geographical Review*, 65 (2), pp. 151-165.

\_\_\_\_\_. **o Space, time, place: a humanistic frame**. In: CARLSTEIN, T., PARKES, D. THRIFT, N. (1978a) *Making Sense of Time*. London : Edward Arnold, p. 7-16. (1978b) *Sign and metaphor*. *Annals of the Association of American Geographers*, 68 (3), pp. 363-372.

\_\_\_\_\_. **o Space and place: humanistic perspective**. In: GALE, S. OLSSON, G. (orgs.). *Philosophy in Geography*. Dordrecht : Reidel, 1979, pp. 387-427. (Publicado originalmente em: *Progress in Geography*, (6), pp. 211-252, 1974).

\_\_\_\_\_. o (1983) **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 250 p. (Ed. norte-americana: *Space and Place: The Perspective of Experience*. Minneapolis : University of Minneapolis Press, 1977, 235 p.).

## **APÊNDICES**



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

### PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – NPGeo-UFS

#### MESTRADO EM GEOGRAFIA

### Apêndice A - Roteiro de observação<sup>2</sup>

1. Data e local de ocorrência da festa. (*data fixa ou móvel; Igreja, praça, percurso da procissão*).
2. Organização. (*quem, como, divisão das atividades, antecedência*)
3. Patrocínio (*divulgação em folders, faixas, carros de som, panfletos, cartazes*) e forma de arrecadação (*rifa, doações, quermesses, prefeitura, Governos do Estado e Município, particulares*).
4. Ritos e atividades: missa, alvorada festiva, procissão, novenas/trezenas, batizados, quermesse. Descrever os eventos e horários de ocorrência, participantes dos atos celebrativos (*ornamento e carregamento do andor, rezas, cantos, fogos*). Observação do palco cênico da festa, de roupas e cores utilizadas, dos gestos de sentimento, de emoção particular como alegria, tristeza, euforia... Objetos como bandeiras, velas, ornamentação do andor, tempo de duração dos ritos e ou da festa/procissão.
5. Papel e orientação da Igreja com relação à festa.
6. Situação atual. (*importância da festa para a cidade, evidências de solidariedade e sociabilidades*).
7. A paisagem da festa: elementos de referência na festa (*os lugares da festa – praça, rio, avenidas, casas ornamentadas, altares feitos pelos fiéis em suas casas*). Estilo da Igreja e situação. (*no urbano, relevo, centralidade, com praça ou não*); Posição da porta principal (*N, S, L, O*) e também se voltada para o rio, praça, prefeitura...; O entorno da Igreja. (*descrição das atividades de venda, comércio, comidas, etc*)bém se voltada para o rio, praça, prefeitura...; O entorno da Igreja. (*descrição das atividades de venda, comércio, comidas, etc*)
8. 8. Apreciações pessoais. (*impressões, reflexões, dificuldades, limites, comparações*).

---

2

Modelo extraído e adaptado do **Caderno do pesquisador/Procultura**, projeto financiado pela CAPES e Ministério da Cultura, pelo edital Procultura/2009 denominado "A Dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe", desenvolvido pela rede: Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC, Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais – LABOTER e Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da UFG e Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da UFS.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – NPGeo-UFS**

**MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**Apêndice B -Roteiro de entrevistas com festeiros e Agentes Públicos**

<b>ENTREVISTADO:</b>	<b>LOCAL :</b>	<b>DATA/DURAÇÃO</b>
<b>IDADE:</b>	<b>LOCAL E DATA DE NASCIMENTO:</b>	
<b>RESIDÊNCIA:</b>	<b>OCUPAÇÃO:</b>	<b>INSTRUÇÃO:</b>

- 1 – Desde quando você participa da Festa de Bom Jesus? Por que participa? Como participa?
- 2 - Quais suas primeiras lembranças da Festa de Bom Jesus?
- 3- Quando teria iniciado a festa de Bom Jesus dos Navegantes? Como?
- 4 – Houveram mudanças na festa de Bom Jesus? Quais? O que achou?
- 5 - Em que momento você notou mudanças? A que você atribui?
- 6 – Que ritos fazem parte da Festa de Bom Jesus dos Navegantes? Que atividades foram introduzidas e desde quando? Por que foram introduzidas?
- 7 - Quem participa da organização festiva de Bom Jesus dos Navegantes?
- 8 - O que é a Festa de Bom Jesus para você?
- 9 – Você é devoto de Bom Jesus? Por quê? Qual o sentido da devoção de Bom Jesus na sua vida?
- 10 - O que mais gosta na Festa de Bom Jesus?
- 11 - O que você sente quando está em procissão a Bom Jesus? Você tem acesso a todo o percurso da procissão?
- 12- O que você achou da mudança no roteiro da procissão?

13- Como se dá a participação da Igreja na Festa de Bom Jesus?

14 – Que relação existe entre Bom Jesus e as águas? Você vê sentido nisso? Qual?

15 – Em sua opinião, a Festa de Bom Jesus une as pessoas? Por que?

16- Você faria sugestão de alguma mudança na Festa de Bom Jesus? Qual?

17- Há, em sua opinião, como separar a chamada parte sagrada da chamada parte profana; por quê?

18- Os atores que realizam os atos nos espaços (territórios) sagrados são os mesmos que realizam os atos nos espaços(territórios) profanos? Como você explica isso?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – NPGeo-UFS**  
**MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**Apêndice C**

**Roteiro de entrevista com Fieis e Clérigos**

ENTREVISTADO:	LOCAL :	DATA/DURAÇÃO
IDADE:	LOCAL E DATA DE NASCIMENTO:	
RESIDÊNCIA:	OCUPAÇÃO:	INSTRUÇÃO:

1 – Quando foi fundada a Igreja de Bom Jesus dos Navegantes e desde quando acontece a Festa de Bom Jesus dos Navegantes?

2- Por que o dia consagrado a Bom Jesus é um ato festivo? 3-

Houve mudança no dia festivo? Por que ?

4- Quem organiza e como se dá a organização e divulgação da Festa de Bom

Jesus? 5- Há Patrocínio para a Festa? Quem patrocina?

6- Por que a mudança da imagem votiva? Por que a mudança no percurso da procissão? 7 - Que ritos

fazem parte da Festa de Bom Jesus dos Navegantes? Pode descrevê-los? 8 - Que atividades foram

introduzidas e desde quando? Por que foram introduzidas?

9 - Qual o papel e orientação da Igreja com relação à festa?

10- Qual a importância da Festa para a cidade, para a comunidade votiva e para quem organiza? 11 - Existe alguma forma de sincretismo na Festa? Qual? O que a comunidade católica acha do sincretismo?



## Apêndice D - PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA – FESTA DE BOM JESUS DOS NAVEGANTES DE 2014

04.01.2014 Sábado – ABERTURA DA FESTA

18h: Romaria saindo da Capela de Santa Cruz com a Imagem Peregrina do Bom Jesus dos Navegantes em direção a Catedral Diocesana.

19h: Celebração Eucarística Animação  
Litúrgica – Coral Vida Nova

05.01.2014 Domingo – Caminhada pela PAZ 18:30h:  
Catedral Diocesana – Celebração Eucarística Animação  
Litúrgica – Coral Família Sinai.

19:30h: Arrastão pela PAZ em direção a Capela de Santa Cruz, com a Banda RAÍZES DA PAZ.

06.01.2014 Segunda Feira – Noite Mariana

06:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.  
12:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

18:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhora Diomar Feitosa Nascimento na Rua Fernando Peixoto, em direção a Capela de Santa Cruz.

19:00h: Capela de Santa Cruz – Louvor e Consagração a Nossa Senhora das Vitórias do Santo Rosário.

07.01.2014 Terça Feira – Via Sacra Missionária

06:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.  
12:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.  
18:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhora Maria Lúcia na Rua Campos Teixeira, em direção a Comunidade de São Miguel Arcanjo.

19:00h: Saída da Capelinha de São Miguel Arcanjo, percorrendo as principais ruas da Comunidade.

08.01.2014 Quarta Feira – Vigília Eucarística – Oração pelas Famílias

06:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

12:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

18:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhorita Marisa Nogueira na Rua Dr. Joaquim Nabuco, em direção a Capela de Santa Cruz.

19:00h: Adoração Eucarística- Com todos os movimentos e Pastorais da Cidade TRÍDUO DE LOUVOR

09.01.2014 Quinta Feira

06:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

12:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

18:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhora Rosineide na Rua das Bananeiras, em direção a Capela de Santa Cruz.

18:30h: Capela de Santa Cruz – Santo Terço

19:00h: Capela de Santa Cruz – Celebração Eucarística.  
Presidente da Celebração: Pe. Samuel Ventura de Oliveira  
Animação Litúrgica: Coral Sagrada Família

NOITEIROS: Paróquia de Santa Luzia, Legião de Maria, Mãe Rainha, Confraria de São José, Vicentinos, Setor Juventude de Penedo, Terço da Misericórdia, Pastoral Catequética, Infância Missionária e Equipe da Missa com Crianças, Movimento Fé e Luz, Comunidades: Santa Cruz, São Miguel, Nossa Senhora de Fátima, Areal, São José, Santo Antônio e Irmandade do Santíssimo Sacramento.

20:30h: Palco Bom Jesus – Show com a BANDA RECOMEÇAR.

10.01.2014 Sexta Feira

06:00h : Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

12:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

18:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhora Anita Acácio na Rua Fernando Peixoto, em direção a Capela de Santa Cruz.

18:30h: Capela de Santa Cruz – Santo Terço

19:00h: Capela de Santa Cruz – Celebração Eucarística.  
Presidente da Celebração: Pe. Alex Sandro Oliveira  
Animação Litúrgica: Coral ADMA

NOITEIROS: Área Pastoral Nossa Senhora Auxiliadora, Casa do Bom Samaritano, CEB'S, Pastoral do Batismo, Grupos da Melhor Idade: Alegria de Viver e Penedo Novos Horizontes, Terço dos Homens, Apostolado da Oração, Comunidades: Senhor do Bonfim, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora Aparecida, Vilas: Santa Clara, São Francisco, Primavera, Bairro Vitória, Marizeiro, Ministros Extraordinários da Comunhão Eucarística e Moto Clube Falcões do Baixo São Francisco. 20:30h: Palco Bom Jesus- Show Religioso com a BANDA ALELUIA

11.01.2014 Sábado

06:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

12:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

15:00h: Tarde Esportiva: Corridas de Jerico, Saco, Ovo, Cavalo de Pau, Perna de Pau e Quebra Pote.

18:00h: Salva de Fogos, Toque do Sino e Peregrinação com a Imagem do Bom Jesus dos Navegantes, saindo da residência da Senhora Maria Francisca na Rua José Coelho, em direção a

Capela de Santa Cruz.

18:30h: Capela de Santa Cruz – Santo Terço

19:00h; Capela de Santa Cruz – Celebração Eucarística.

Presidente da Celebração: Pe. Alailson ( Pároco da Paróquia de Santo Antônio – Neópolis-Se )

Animação Litúrgica: Coral Ministério Nossa Senhora da Conceição.

NOITEIROS: Paróquia São Francisco de Assis, ECC, Equipes de Nossa Senhora, Catecumenato, Comunidade <sup>2</sup>da Paróquia de Santo Antônio – Neópolis-Se., Prefeitura Municipal de Penedo, Câmara de Vereadores, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Capitania dos Portos, Marinha do Brasil, Tiro de Guerra, Bancários, Comerciantes e Funcionários Públicos.

20:30h: Palco Bom Jesus – BALADA SANTA COM O DJ ROONY.

12.01.2014 Domingo – Romaria do Bom Jesus dos Navegantes

05:00h: Salva de Fogos e Celebração Eucarística

Presidente da Celebração: Pe. Vivaldo

Animação Litúrgica: Coral Ministério de Bom Jesus

09:00h: Celebração Eucarística (Presidente da Celebração: Pe. Samuel Ventura de Oliveira)

Animação Litúrgica: Coral Ministério KAIROS

10:30h: Catedral Diocesana – Realização de Batizados 12:00h:

Salva de Fogos, Toque do Sino e Oração do Ângelus.

15:00h: Saída da Procissão Triunfal da Capela de Santa Cruz com o Andor do Glorioso Bom Jesus dos Navegantes, percorrendo as principais ruas da Comunidade em direção ao cais do Porto Rio São Francisco para realização da procissão Fluvial.

18:00h: Capela de Santa Cruz – Celebração da Santa Missa Campal ( Presidente da Celebração: Dom Valério Breda, SDB Animação Litúrgica: Som do Bem ( Juventude)

20:00h Palco da Orla – Show Religioso com o CANTOR TONY ALLYSSON.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<<http://www.bomjesuspenedo.com.br/programacao/religiosa/>>>; acessado em 20 de maio de 2014.

Apêndice E - Programação Cultural da Festa de Bom Jesus dos Navegantes de Penedo/AL, 1971 - Arquivo Casa do Penedo.

P.12(0)/poc.2

# Festa do Bom Jesus dos Navegantes

## Domingo 17 de janeiro de 1971

**Local dos festejos: Av. Comendador Peixoto e Duque de Caxias**

As 8 horas — Início do Festival de Zabumbas com 24 componentes.  
**PRÊMIOS:** Cada conjunto receberá um prêmio de Cr\$ 50,00, oferta da Prefeitura de Penedo e cada participante um corte de fazenda oferta de Peixoto Gonçalves & Cia  
**COORDENADOR DOS ZABUMBAS — Sr. Lourindo Caetano**

### As 9 horas — Disputa de Ciclismo

**1a CORRIDA — EQUIPE DE SALVADOR**  
 1o. lugar — Prêmio de Cr\$ 50,00, oferta da Imprensa Fluvial Tupã. Uma (1) camisa esporte, oferta do Magazim Caribe.  
**2a. CORRIDA — EQUIPE DE PENEDO**  
 1o. lugar — Prêmio de Cr\$ 50,00, oferta do Café Taperivã. Uma (1) camisa esporte, oferta da Casa A. Gonçalves.  
 2o. lugar — Prêmio de Cr\$ 40,00, oferta da Casa GipeL. Uma (1) camisa esporte oferta da Toca do Boirba.  
 3o. lugar — Prêmio de Cr\$ 20,00, oferta da Padaria Santo Antônio. Uma (1) camisa esporte, oferta da Casa Franca.  
**COORDENADORES DAS CORRIDAS —** Luiz Baeta Gomes, Luiz Carlos Oliveira, da Almeida e Renato Ferreira Santos.

### As 10 hs. Corrida de Cavalos

1o. lugar — Prêmio de Cr\$ 50,00, oferta do Sr. Eliezer Barbosa. Dois (2) litros de Cinzano oferta de Milton Machado & Cia.  
 2o. lugar — Prêmio de Cr\$ 40,00, oferta da Casa Simões. Dois (2) litros de Cinzano, oferta de Milton Machado & Cia.  
 3o. lugar — Prêmio de Cr\$ 20,00, oferta da Casa Simões. Um litro de Cinzano, oferta de Milton Machado & Cia.  
**Coordenador:** Miguel Gonçalves Lima, Luiz Carlos Oliveira e Waldemar Santos.

### As 11 hs. - Prova de Natação

1o. Lugar: Prêmio de Cr\$ 100,00, oferta de BRASNORTE VEICULOS ACCESSÓRIOS 3 par de sapato, oferta da Sapataria Sorriso 1 (uma) Tega, oferta da Loja Maçônica Ressurreição Penedense.  
 2o. lugar: Prêmio de 60,00, oferta da Farmácia Ramalho. Um (um) par de sapato, oferta da Sapataria Sorriso.  
 3o. lugar: Prêmio de 30,00, oferta da Casa Bahia. Uma garrafa térmica, oferta da Casa São Gonçalo.  
 4o. lugar: Prêmio de 20,00, oferta da Sorveteria Pedrinho.  
**Coordenadores:** Joel Higiao de Carvalho, José Vieira Lima, Luiz Baeta Gomes e Luiz Carlos Oliveira.

### As 12 hs. Corrida de Canoas

## Apêndice F - PROGRAMAÇÃO CULTURAL DA FESTA DE BOM JESUS DE PENEDO -2014<sup>3</sup>

Dia 07/01 - Pastoril infantil da Escola Santa Luzia ( 16:00 as 16:30)

– Grupo de flauta doce Santo Antônio (16:30 as 17:00) -

Professor Mombaça (17:00 as 18:00 )

— Grupo de Capoeira Mandigueira (18:00 as 18:30)

- Lito Voz e Violão (18:30 as 20:00)

- Marcelo Magalhães – ( 20:00 as 22:00)

Dia 08/01 – Grupo Cultural Dança das Peneiras ( 16:30 as 17:00)

- Grupo de flauta da Cooperativa ( 17:00 as 17:30)

- Orquestra Pifânica (17:30 as 18:00)

- Banda de Pífano Mestre Cícero Lino(18:00 as 18:30)

- Renata Porto (18:30 as 20:00)

- Adelson e Grupo Itapuã ( 20:00 as 22:00)

Dia 09/01 – Grupo Baianada ( 16:30 as 17:00)

- Grupo de Hip Hop (17:00 as 17:30)

- Grupo Cultural Afrocaetés ( 17:30 as 18:30)

– Grupo musical Cores do Mar (18:30 as 20:00)

- Grupo musical Forró da Penha (20:00 as 21:30)

Dia 10/01 – Grupo cultural “Tambores” do povoado tabuleiro dos Negros (16:30 às 17:30) -

Orquestra de tambores de Maceió (17:30 as 18:30)

- Grupo Caçuá (18:30 as 19:30)

- Madson Andrade e grupo Laska coco (19:30 as 21:30)

Dia 11/01 – Bandas de pífano circulando na feira e na orla a partir das 8:00

- Campeonato de Break Dance ( 09:00 as 13:30)

- Dj Francisco (13:30 as 14:30)

- Grupo musical D2 (14:30 as 16:30)

- Grupo Cultural Dona Mariquinha (16:30 as 17:30)

- Mecinho (17:30 às 19:00)

- Wilma Araújo /Show musical (19:00 as 21:00)

Dia 12/01 – Alvorada com a Banda Musical ( a partir das 6:00h) -

Tadeu e seus bonecos +frevo ( a partir das 9:00 na orla)

-Bandas de Pífano circulando na orla(projeto “orquestra pifânica”). -

Grupo Loko Romance (10: as 12:00)

Competições esportivas

Prova de Natação 3.700mts (águas abertas do rio são Francisco)

Corrida Rústica Masculina (Saída Trevo da Paia)

Corrida Rústica feminina

Corrida de Canoas Categoria 1

Corrida de canoas Categoria 2

Corrida de canoas Categoria 3

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<<http://www.bomjesuspenedo.com.br/programacao/cultural/>>>; acessado em 20 de maio de 2014.